



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO VETOR DE TRANSIÇÃO CIRCULAR NA
INDÚSTRIA TÊXTIL: BARREIRAS E FACILITADORES**

Matheus de Oliveira Teixeira

João Pessoa – PB
2025

Matheus de Oliveira Teixeira

**EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO VETOR DE TRANSIÇÃO CIRCULAR NA
INDÚSTRIA TÊXTIL: BARREIRAS E FACILITADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Engenharia de Produção da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Engenharia de
Produção.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Naomi Morioka

João Pessoa – PB

2025

CATALOGAÇÃO

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

T266e Teixeira, Matheus.

Empreendedorismo social como vetor de transição
circular na indústria têxtil: barreiras e facilitadores
/ Matheus Teixeira. - João Pessoa, 2025.

73 f. : il.

Orientação: SANDRA MORIOKA.

TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Empreendedorismo social. 2. Economia circular. 3.
Indústria têxtil. 4. Transição circular. 5. Barreiras e
facilitadores. 6. Paraíba. 7. Pernambuco. 8. Nordeste.
9. Vulnerabilidade social. 10. Engenharia de produção.
I. MORIOKA, SANDRA. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 658.5(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: MATHEUS DE OLIVEIRA TEIXEIRA

Título do trabalho: EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO VETOR DE
TRANSIÇÃO CIRCULAR NA INDÚSTRIA TÊXTIL: BARREIRAS E FACILITADORES

Trabalho de Conclusão do Curso defendido e aprovado em 30 de abril de 2025 pela
banca examinadora:

Renata de Oliveira Mota (DEP-UFPB)

Gabrielle Chagas (Fundação Parque Tecnológico da Paraíba)

Sandra Naomi Morioka (DEP-UFPB)

À memória do meu pai, que com os ombros marcados pelo peso das escadas que carregou, me ergueu aos lugares que sonhei — e mais além.

À minha mãe, que ao notar que eu criava altura, entregou-me suas asas com o gesto silencioso de quem entende que o amor é vento e voo.

E aos meus irmãos, que tantas vezes se fizeram brisa, tempestade e impulso — presença que empurra, sustenta e não abandona.

E aos meus sobrinhos, que me motivam como pequenas auroras, lembrando-me todos os dias que o futuro sorri.

À minha família, solo onde firmo os pés e encontro refúgio, voz, afeto e raiz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, às deusas, aos santos, aos guias, às rezas, às bênçãos e às tantas forças invisíveis que caminham comigo — abrindo caminhos, sustentando passos e garantindo minha integridade para seguir em busca daquilo que me foi designado.

Agradeço aos meus antepassados, que carregaram saberes em silêncio para que não fossem apagados, quando lhes disseram que a cor de suas peles não denotava conhecimento.

Aos meus avós, que plantaram sementes em solo duro, mesmo sem garantias de colheita.

Ao meu pai (in memoriam), por ter sido o maior incentivador e fã que um filho poderia possuir, agradeço por ter sido uma terra fértil onde meus sonhos foram plantados. A possibilidade de sonhar que há em mim nasceu, antes, em você.

À dona Gilda (in memoriam), que me ensinou que o mundo não se explica apenas por fórmulas, livros e convicções, mas por rezas, ervas, silêncios, olhares e fé.

A todos os amigos e encontros que me ocorreram desde o início da graduação, pelos afetos, risos altos, ombros e escutas que tornaram o caminho mais leve e mais vivido durante toda a jornada. Em especial, à Ébano Maia, Matheus Silva, Bruna Silva, Luana Carla e Igor Donato, e ao grupo de amigos chamados “cabras” por toda a parceria, partilha e presença constante ao longo desses últimos anos — vocês me foram chão, alicerce e abrigo em meio a muitas tempestades.

A Hibson, o poeta cuja poesia navega comigo, me lembrando das versões que carrego e me rememorando o passado, o presente e os desejos futuros. Obrigado por transformar marés revoltas em canções de esperança, e por sempre ter sido porto quando meu corpo cansava de remar.

À professora Sandra, por me orientar nessa travessia sem desconsiderar as barreiras que se impuseram ao longo do caminho, e por sua sensibilidade em tornar o processo de imersão acadêmica mais leve e humanizado.

Aos empreendedores sociais, que contribuíram possibilitando a realização deste estudo, e que seguem contribuindo com o mundo fomentando boas práticas socioambientais

RESUMO

O presente trabalho investiga o papel do empreendedorismo social como vetor de transição circular na indústria têxtil, abordando as barreiras e facilitadores enfrentados por empreendedores que integram práticas sustentáveis em suas cadeias produtivas. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, foi realizada por meio de entrevistas com empreendedores sociais atuantes no setor têxtil, revelando uma diversidade de desafios, como a dificuldade de acesso a recursos financeiros, a resistência cultural ao consumo sustentável e a falta de infraestrutura logística. Por outro lado, foram identificados facilitadores significativos, como o engajamento comunitário, a capacitação técnica e o uso de redes sociais para sensibilização e marketing. Os resultados demonstram que, mesmo diante de barreiras significativas, o empreendedorismo social revela um forte potencial de transformação ao articular inovação, impacto socioambiental e práticas circulares. Nesse contexto, evidencia-se sua contribuição para a construção de uma economia circular mais inclusiva, territorializada e socialmente justa. O estudo também oferece subsídios relevantes para a formulação de futuras políticas públicas e para a atuação de agentes do setor produtivo, ao reforçar a necessidade de ambientes institucionais favoráveis ao fortalecimento e à escalabilidade de iniciativas sociais comprometidas com a sustentabilidade.

Palavras-chaves: Empreendedorismo social, Economia circular, Indústria têxtil, Transição circular, Barreiras e facilitadores

ABSTRACT

This study investigates the role of social entrepreneurship as a driver of circular transition in the textile industry, focusing on the barriers and facilitators faced by entrepreneurs who incorporate sustainable practices into their value chains. The research, qualitative and exploratory in nature, was conducted through interviews with social entrepreneurs active in the sector, revealing a range of challenges — including limited access to financial resources, cultural resistance to conscious consumption, and a lack of adequate infrastructure for reverse logistics. On the other hand, key enabling factors were identified, such as community engagement, technical training, and the strategic use of social media for awareness and communication. The findings indicate that, despite structural barriers, social entrepreneurship demonstrates strong transformative potential by integrating innovation, socio-environmental impact, and circular practices. In this context, its contribution to building a more inclusive, territorially grounded, and socially just circular economy becomes evident. The study also provides valuable insights for public policy design and for actors in the productive sector, highlighting the importance of institutional environments that support the strengthening, scalability, and sustainability of socially committed initiatives.

Keywords: Social entrepreneurship, Circular economy, Textile industry, Circular transition, Barriers and facilitators

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EC – Economia Circular

ES – Empreendedorismo Social

ICESP – Italian Circular Economy Stakeholder Platform

IPEPS – Incubadora Pública de Empreendimentos Populares e Solidários

ONG – Organização Não Governamental

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

RJ – Rio de Janeiro

TC – Transição Circular

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – R's da sustentabilidade	21
Quadro 2 – Barreiras e facilitadores do empreendedorismo social na literatura	26
Quadro 3 – Resumo metodológico	30
Quadro 4 – Empreendimentos sociais contemplados no estudo de caso	34
Quadro 5 – Barreiras determinadas através da pesquisa	59
Quadro 6 – Facilitadores determinados através da pesquisa	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 OBJETIVO GERAL.....	16
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
2. REFERENCIAL TEORICO	17
2.1 EMPREENDEDORISMO SOCIAL.....	17
2.2 OS PRINCÍPIOS DOS R'S NA SUSTENTABILIDADE NA ECONOMIA CIRCULAR.....	19
2.3 PAPEL DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL PARA A TRANSIÇÃO CIRCULAR NA INDÚSTRIA TÊXTIL	21
2.4 A TRANSIÇÃO CIRCULAR DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO: BARREIRAS E FACILITADORES PARA UM MODELO SUSTENTÁVEL	23
3 MÉTODO DE PESQUISA.....	28
3.1 PLANEJAMENTO DA PESQUISA	30
3.2 SELEÇÃO DOS CASOS	33
3.3 COLETA DE DADOS.....	35
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	36
3.5 EXPLORAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEMAS EMERGENTES.....	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
4.1 FACILITADORES E BARREIRAS ECONÔMICO-FINANCEIRAS	41
4.1.1 DIFICULDADE DE ACESSO A RECURSOS FINANCEIROS.....	41
4.1.2 CUSTOS INICIAIS ELEVADOS	44
4.2 FACILITADORES E BARREIRAS CULTURAIS E EDUCACIONAIS.....	47
4.2.1 RESISTÊNCIA CULTURAL AO CONSUMO SUSTENTÁVEL	47
4.2.2 FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.....	48
4.3 FACILITADORES E BARREIRAS TECNOLÓGICAS E LOGÍSTICAS	50
4.3.1 AUSÊNCIA DE INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA.....	50
4.3.2 ESCASSEZ DE TECNOLOGIAS ACESSÍVEIS	51
4.3.3 RESISTÊNCIA CULTURAL AO CONSUMO SUSTENTÁVEL	53
4.3.4 FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.....	54
4.3.5 INVISIBILIDADE SOCIAL.....	54
4.3.6 CRESCENTE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL.....	55
4.3.7 EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO	56
5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63

6 REFERÊNCIAS	67
---------------------	----

1. INTRODUÇÃO

O modelo econômico linear, amplamente adotado ao longo das últimas décadas pela indústria têxtil, tem sido alvo de debates crescentes por sua incapacidade de sustentar padrões de produção e consumo em harmonia com a preservação ambiental, justiça social e os limites do planeta. Essa abordagem tradicional, baseada na sequência de "extrair, produzir, consumir e descartar" ignora a finitude dos recursos naturais e desconsidera os impactos ambientais associados à degradação dos ecossistemas e à geração de resíduos (Murray et al., 2017). Em resposta a essas limitações, surge a economia circular como uma alternativa promissora. Este conceito propõe uma nova forma de pensar os sistemas produtivos, priorizando a regeneração de ecossistemas, a extensão da vida útil dos materiais e a redução drástica dos impactos ambientais (Ellen MacArthur Foundation, 2013). Estudos conduzidos pela European Environment Agency (2019), indicam que a produção de vestuário consome enormes volumes de água, gera emissões de gases de efeito estufa e contribui para o descarte anual de milhões de toneladas de resíduos têxteis. A ascensão do *fast fashion* amplificou essa problemática, promovendo ciclos de consumo cada vez mais acelerados e descartáveis, nos quais peças de roupa são adquiridas, utilizadas brevemente e descartadas a um ritmo alarmante (Pal & Gander, 2018).

A economia circular representa mais do que uma simples evolução do modelo linear, ela simboliza uma mudança de paradigma de todo o processo produtivo. Ao invés de encarar os produtos como itens descartáveis após seu uso inicial, essa abordagem enfatiza a importância de redesenhar processos desde a concepção, integrando práticas que prolonguem o ciclo de vida dos materiais e minimizem desperdícios (Geissdoerfer et al., 2018). Segundo a Ellen MacArthur Foundation (2013), essa visão se apoia em três pilares fundamentais: **eliminar resíduos e poluição desde o início, manter produtos e materiais em circulação pelo maior tempo possível e regenerar ecossistemas naturais**. Esses princípios destacam a necessidade de transformações profundas, que vão além de ajustes na gestão de resíduos, demandando mudanças significativas nos processos industriais e nos hábitos de consumo (Urbinati et al., 2017).

A economia circular também se apoia fundamentos como os 10 R's da sustentabilidade (Refusar, Repensar, Reduzir, Reutilizar, Reparar, Restaurar, Remanufaturar, Redesignar, Reciclar e Recuperar), que representam níveis

hierárquicos de intervenção na cadeia produtiva com o objetivo de maximizar a retenção de valor dos recursos e minimizar desperdícios (Potting et al., 2017). Essa abordagem serve como guia para reformular decisões relacionadas ao design de produtos, processos e modelos de negócios, enfatizando soluções que ataquem as causas primárias dos desafios ambientais.

Dentro do conceito de sustentabilidade e economia circular pensando a partir dos R's, estratégias como a rejeição ao consumo excessivo e a revisão do design são priorizadas, ao invés de medidas corretivas posteriores como a reciclagem que, apesar de valiosas, entram em ação apenas no final da cadeia produtiva para minimizar o impacto ao invés de evitá-lo de forma primária. Na aplicação prática, implementar os 10 princípios exige uma combinação de avanços tecnológicos, transformações comportamentais significativas e ajustes institucionais e de políticas de forma macro, o que gera um conceito quase utópico no sentido de adoção. Dentro da indústria têxtil a adoção dos princípios de sustentabilidade a partir dos R's é particularmente relevante, onde o ritmo produtivo e a cultura proveniente dos modelos atuais de negócio e produção dificultam a adoção de práticas sustentáveis de forma consistente (Kirchherr et al., 2018; Jia et al., 2020).

No contexto da indústria têxtil, que surge como um setor emblemático, uma vez que se destaca mundialmente por seu elevado impacto ambiental e social, a adoção desses princípios representa uma oportunidade significativa para reestruturar suas cadeias de valor, abrangendo desde a produção até o descarte (Jia et al., 2020). A indústria têxtil, enquanto setor industrial, ocupa um paradoxo intrigante: enquanto serve como uma das formas mais marcantes de expressão cultural, também se configura entre as atividades mais prejudiciais ao meio ambiente. Além disso, a cadeia produtiva têxtil está fortemente associada a situações de vulnerabilidade social, caracterizadas pela precarização do trabalho, desigualdade de gênero, informalidade e exclusão de comunidades periféricas dos circuitos formais da economia. Essa realidade evidencia como os impactos ambientais e econômicos recaem de forma desproporcional sobre grupos socialmente marginalizados, dificultando sua capacidade de adaptação e resistência (Cutter et al., 2003). Considerar a transição circular sem enfrentar essas desigualdades pode reforçar dinâmicas e padrões de exclusão. Nesse sentido, iniciativas que promovam a circularidade aliada à justiça social, como

aquelas impulsionadas pelo empreendedorismo social, são fundamentais para articular respostas integradas às crises ambiental e social (Santos, 2012; Coppola et al., 2021).

Diante dessas questões, a transição para um modelo circular na indústria têxtil não apenas reduziria os impactos ambientais, mas também teria o potencial de redefinir o papel da indústria da moda como uma força positiva para comunidades e ecossistemas (Elf et al., 2022). No entanto, implementar práticas circulares nesse setor apresenta barreiras consideráveis, como a falta de infraestrutura adequada para logística reversa, os custos elevados associados às tecnologias verdes e a ausência de políticas governamentais eficazes, que dificultam a adoção generalizada dessa abordagem (Khan et al., 2020). Além disso, barreiras culturais, como o consumismo exacerbado e a baixa conscientização de consumidores e empresas sobre questões de sustentabilidade, perpetuam o modelo linear dominante (Saha et al., 2021).

Nesse cenário complexo, o empreendedorismo social surge como uma possível estratégia para superar essas barreiras e ser considerado como um vetor de mudança para impulsionar a transição circular. Diferente de modelos empresariais convencionais, o empreendedorismo social combina objetivos econômicos com impactos sociais e ambientais, priorizando soluções para problemas estruturais presentes na sociedade, como a pobreza, desigualdade, exclusão e degradação ambiental, através de iniciativas sustentáveis e inovadoras (Santini, 2017). Empresas sociais frequentemente operam em contextos desafiadores, utilizando recursos limitados para gerar mudanças significativas. Na indústria têxtil, iniciativas de empreendedorismo social têm demonstrado um enorme potencial para promover a economia circular, por meio de práticas como o reaproveitamento de resíduos têxteis, o desenvolvimento de cadeias produtivas inclusivas e a educação para o consumo consciente (Coppola et al., 2021). Essas iniciativas não apenas mitigam os impactos ambientais, mas também criam oportunidades econômicas para comunidades comumente marginalizadas, fortalecendo redes colaborativas e fomentando economias locais (Soufani et al., 2018).

Apesar do potencial transformador do empreendedorismo social, ainda há lacunas significativas na literatura sobre como esse modelo pode contribuir para

superar as barreiras que dificultam a transição para a economia circular na indústria têxtil. Estudos recentes apontam que a adoção de práticas circulares exige esforços coordenados entre empresas, governos e organizações da sociedade civil (Panwar & Niesten, 2022; Geissdoerfer et al., 2017; Kirchherr et al., 2018). No entanto, poucos trabalhos se debruçam sobre casos concretos de empreendedorismo social aplicados ao setor têxtil, especialmente em países em desenvolvimento, onde os desafios estruturais tendem a intensificar as dificuldades de implementação e escalabilidade dessas iniciativas.

Dentro da compreensão mais ampla sobre o papel efetivo do empreendedorismo social na transição circular, bem como sobre os fatores que a impulsionam ou a limitam nesses contextos, pode-se dar destaque a três lacunas. A **teórica** no contexto de compreensão da escassez de exploração do volume de trabalhos que explorem a intersecção entre a economia circular e o empreendedorismo social dentro dos contextos supracitados; A **geográfica** dado que a maioria dos estudos é concentrada em países do Norte Global, desconsiderando dinâmicas locais de países em desenvolvimento, onde o setor têxtil é marcado por informalidade, subcontratação e exploração laboral, o que desconsidera as realidades periféricas como em alguns cenários brasileiros e a **setorial** ainda que o setor têxtil figure entre os mais poluentes, a literatura tende a priorizar grandes corporações e soluções tecnológicas, negligenciando iniciativas sociais que operam com estratégias como o upcycling, brechós solidários e redes de costura comunitária, sobretudo em territórios periféricos. Ao investigar casos brasileiros de empreendimentos sociais que atuam com resíduos têxteis em contextos marcados por desigualdades, esta pesquisa contribui para ampliar o escopo analítico sobre os caminhos alternativos baseados em regeneração, inclusão e identidade cultural.

Diante desse cenário, o presente estudo propõe a investigação de pesquisa: **Quais as barreiras e os facilitadores do empreendedorismo social que impactam a transição para a economia circular na indústria têxtil?** A partir dessa pergunta central, o estudo se desdobra por meio de uma combinação de revisão bibliográfica, estudo de caso e reflexão teórica com o objetivo de contribuir para a compreensão prática e acadêmica do tema, propondo caminhos aplicáveis à realidade de países emergentes.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as barreiras e os facilitadores do empreendedorismo social na indústria têxtil para a transição circular.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os principais facilitadores e barreiras do empreendedorismo social para a transição circular na indústria têxtil presentes na literatura.
- Analisar as barreiras e facilitadores do empreendedorismo social para a transição circular na indústria têxtil em um contexto de país emergente.

Ao abordar esses objetivos, este estudo contribui para o avanço do conhecimento sobre a interseção entre economia circular e empreendedorismo social, oferecendo direcionadores que podem contribuir para a literatura de futuras pesquisas, para formuladores de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo social e profissionais do setor de forma geral. Além disso, ao destacar estes exemplos, espera-se inspirar outras iniciativas semelhantes de estudos e demais contribuições, promovendo uma transformação mais ampla e sustentável dentro do contexto da indústria têxtil associada a vulnerabilidade socioambiental dentro do contexto sul global.

2. REFERENCIAL TEORICO

2.1. EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O empreendedorismo social tem se destacado nas últimas décadas como uma abordagem promissora para enfrentar os desafios sociais e ambientais presentes na contemporaneidade. Essa modalidade de empreender se distingue das práticas convencionais ao priorizar a criação de valor social e ambiental, sem negligenciar a viabilidade financeira em meio ao processo. Diferentemente dos modelos tradicionais, centrados exclusivamente na maximização do lucro, o empreendedorismo social se propõe a desenvolver soluções inovadoras para questões complexas como a exclusão social, a degradação ambiental e a escassez de recursos que frequentemente não são plenamente abordadas pelo poder público ou pelo setor privado (Zahra et al., 2009; Santini, 2017).

Nesse contexto, os empreendedores sociais atuam como agentes de transformação, buscando alinhar o impacto positivo socioambiental proveniente das práticas adotadas com modelos de negócios sustentáveis. Eles introduzem novas formas de organização e operação que visam equilibrar objetivos econômicos, sociais e ambientais, promovendo mudanças sistêmicas em áreas negligenciadas e invisibilizadas pelos mercados tradicionais. Por meio dessa abordagem híbrida, que combina a capacidade econômica do empreendedorismo com o objetivo social, o empreendedorismo social demonstra um potencial único para abranger transições em direção a economias mais inclusivas e regenerativas, especialmente em setores como o da indústria têxtil, onde as práticas negativas da produção convencional possuem impactos profundos e relevantes tanto no meio ambiente quanto nas comunidades vulneráveis.

De acordo com Dees (1998), o empreendedorismo social pode ser definido por três características principais:

1. Uma missão social clara, voltada para gerar benefícios tangíveis para comunidades ou ecossistemas;
2. Métodos inovadores para alcançar essa missão, muitas vezes em cenários de limitação de recursos;

3. A capacidade de gerar receitas e se sustentar financeiramente, sem depender exclusivamente de subsídios ou doações.

O empreendedorismo social se diferencia de outras abordagens, como a filantropia ou o ativismo convencional, por unir intencionalmente propósito social à lógica dos mecanismos de mercado. Diferentemente de modelos baseados exclusivamente em doações ou intervenções pontuais, os empreendimentos sociais desenvolvem soluções inovadoras que buscam equilibrar impacto social e sustentabilidade econômica (Mair & Martí, 2006). Essa combinação permite que essas iniciativas não apenas respondam aos problemas estruturais de forma eficaz, mas também garantam sua continuidade e permanência ao longo do tempo.

A importância dessas iniciativas sociais reside na capacidade de integrar estratégias empresariais e produtivas à transformação social, promovendo mudanças sistêmicas em áreas comumente negligenciadas pelo poder público e pelo setor privado. Ao se mostrarem economicamente viáveis, esses empreendimentos conseguem ampliar seu alcance e impacto por meio da praticidade de modelos replicáveis desenvolvidos pelos atores da área (Austin et al., 2006; Santos, 2012). Essa característica os torna particularmente adequados para enfrentar desafios complexos, como a exclusão social, a degradação ambiental e a escassez de recursos, uma vez que são capazes de oferecer respostas criativas e sustentáveis para questões necessárias e relevantes para a manutenção da sociedade contemporânea.

Além disso, o design de soluções propostas por muitos empreendimentos sociais que combinam inovação, colaboração e viabilidade econômica reforça o papel desses empreendedores sociais como agentes de mudança. Ao ocupar espaços deixados por políticas públicas insuficientes ou pela ausência de interesse do mercado tradicional, essas iniciativas demonstram potencial para promover justiça social e ambiental, ao mesmo tempo que constroem bases sólidas para sua própria sustentação e expansão frente aos desafios impostos pelos desafios do formato capitalista de sociedade e produção.

No contexto da economia circular, o empreendedorismo social aparece como um possível vetor de mudanças sustentáveis e inclusivas. A economia circular

sugere a reorganização dos sistemas produtivos para diminuir resíduos, prolongar a vida útil dos produtos e recuperar ecossistemas naturais (Ellen MacArthur Foundation, 2013). Essa abordagem encontra espaço frente as práticas de empreendedores sociais, que são frequentemente pioneiros na adoção de práticas inovadoras, como o reaproveitamento de materiais descartados, a criação de cadeias produtivas inclusivas e a promoção de modelos de negócios baseados em compartilhamento e reutilização (Coppola et al., 2021). Apesar das dificuldades enfrentadas, como falta de recursos financeiros, limitações para expansão e ausência de indicadores consolidados de impacto (Zahra et al., 2009; Santini, 2017), essas iniciativas se destacam por sua capacidade de reinventar os padrões tradicionais de produção.

Além de reduzir os danos ambientais, esses negócios geram empregos e renda em comunidades historicamente excluídas, ampliando a resistência econômica de regiões vulneráveis (Soufani et al., 2018). No setor têxtil, marcado por sua elevada poluição e por processos produtivos excludentes, esse papel ganha um destaque ainda mais relevante, uma vez que iniciativas sociais que adotam princípios circulares reforçam o impacto desses empreendedores rumo a uma transição circular justa e regenerativa (Jia et al., 2020).

Dessa forma, ao combinar aspectos econômicos e ambientais com compromisso social, o empreendedorismo social não apenas impulsiona a economia circular, mas também aponta caminhos viáveis para superar as barreiras estruturais do modelo linear de produção. Ao propor soluções baseadas em cooperação, inovação e sustentabilidade financeira, essas iniciativas mostram que é possível criar modelos sustentáveis que dialoguem tanto com desafios globais quanto com demandas humanas e sociais mantendo práticas mais éticas, conscientes e alinhadas aos princípios circulares principalmente no setor têxtil, onde o cenário demonstra necessidade de adaptação diante do contexto dos desafios planetários (ICESP, 2020).

2.2. ECONOMIA CIRCULAR E OS PRINCÍPIOS DOS R'S NA SUSTENTABILIDADE

A transição para uma economia circular exige uma revisão criteriosa dos modelos convencionais de produção e consumo conhecidos, com direcionamento em estratégias que promovam o uso eficiente dos recursos e a minimização de resíduos ao longo do ciclo de vida dos produtos. Nesse cenário, os princípios dos R's da sustentabilidade emergem como diretrizes fundamentais para práticas sustentáveis. Popularmente conhecidos como os 3R's — Reduzir, Reutilizar e Reciclar —, esses princípios foram ampliados para auxiliar na resposta à complexidade dos desafios socioambientais contemporâneos. Pesquisadores como Yuan e Tang (2021) propõem uma abordagem mais abrangente, denominada por 10R's da sustentabilidade. Essa evolução reflete a necessidade de estratégias que estejam integradas e que englobem desde o design inicial dos produtos até sua disposição final, consolidando a lógica circular como alternativa viável ao modelo linear tradicional conhecido.

Os 10R's orientam ações práticas voltadas à redução do consumo de recursos, ao prolongamento da vida útil dos bens e à regeneração dos sistemas naturais. Eles englobam desde atitudes preventivas, como recusar produtos desnecessários ou prejudiciais ao meio ambiente, até medidas corretivas e restaurativas, como Reparar, Remanufaturar ou Reciclar. Além disso, incorporam práticas inovadoras, como o uso de insumos renováveis (Renovar) e tecnologias de abastecimento sustentável (Recarregar), promovendo novas propostas de produção e consumo.

Para os empreendimentos sociais, esses princípios representam uma das bases de estratégia. Ao integrá-los em suas operações, os empreendedores sociais podem alinhar seus modelos de negócio a soluções de auxílio regenerativo e ajudar a mitigar impactos negativos ao gerar inclusão produtiva e fortalecer a resiliência das economias locais. Dessa forma, os 10R's não apenas guiam escolhas mais sustentáveis, mas também ampliam o potencial transformador do empreendedorismo social na construção de sistemas mais justos, equilibrados e resilientes.

Portanto, os 10R's não apenas orientam escolhas mais sustentáveis, como também ampliam o potencial transformador do empreendedorismo social na construção de sistemas sustentáveis.

Quadro 1: R's da sustentabilidade

Nome	Definição
Recusar	Evitar o consumo de produtos desnecessários, descartáveis ou ambientalmente prejudiciais desde o início do ciclo de vida.
Reduzir	Minimizar o uso de recursos naturais e a geração de resíduos ao longo do processo produtivo.
Reutilizar	Dar novos usos a produtos ou componentes, estendendo sua vida útil antes do descarte.
Reparar	Consertar itens danificados para que continuem em uso, evitando substituições prematuras.
Refinar/Limpar	Realizar a limpeza ou tratamento de materiais para reaproveitamento, garantindo higiene e qualidade.
Remanufaturar	Restaurar produtos usados com substituição ou recuperação de peças, devolvendo-lhes plena funcionalidade.
Reciclar	Transformar resíduos em matéria-prima ou novos produtos, reduzindo a extração de recursos naturais.
Recarregar	Adotar sistemas de reposição ou reabastecimento que evitem o descarte de embalagens ou componentes inteiros.
Renovar	Substituir insumos finitos por fontes renováveis, como energia solar ou materiais biodegradáveis.
Remover	Mitigar ou eliminar substâncias tóxicas e impactos ambientais ao longo de toda a cadeia produtiva.

Autor (2025)

2.3 PAPEL DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL PARA A TRANSIÇÃO CIRCULAR NA INDÚSTRIA TÊXTIL

Na ideia de aceleração para a transição circular, o empreendedorismo social tem se consolidado como uma estratégia eficaz. Diferentemente das empresas convencionais, os empreendimentos sociais priorizam a solução de problemas sociais e ambientais, o que inúmeras vezes pode significar operar em contextos desafiadores e com recursos limitados (Zucchella & Urban, 2019). A economia circular propõe uma certa desvinculação com o modelo linear de produção e consumo, oferecendo uma alternativa sustentável baseada na redução,

reutilização, recondicionamento e reciclagem de recursos. Nesse contexto, o empreendedorismo social assume um papel estratégico para catalisar essa transição, especialmente em setores críticos como a indústria têxtil, por ser reconhecida por seu impacto ambiental negativo.

O empreendedorismo social desempenha um papel crucial na transição para uma economia circular, oferecendo benefícios como redução de custos operacionais, melhoria da reputação da marca e conformidade regulatória, além de promover a sustentabilidade financeira por meio da otimização de recursos (Munir & Fausiah, 2025). No entanto, essa transição enfrenta desafios significativos, incluindo a dificuldade de escalabilidade dos modelos circulares, a falta de conscientização do consumidor sobre seus benefícios, as barreiras no acesso ao financiamento e os obstáculos logísticos relacionados à reconfiguração de cadeias de suprimentos e processos operacionais (Munir & Fausiah, 2025; Drissi & Touzi, 2024; Müller & Pahl, 2023).

Drissi e Touzi (2024), ao investigarem práticas de economia circular em países do Sul Global, evidenciam que muitos dos avanços na adoção de estratégias circulares têm sido liderados por empreendimentos sociais de pequeno e médio porte. Esses empreendimentos, frequentemente atrelados a contextos comunitários, demonstram uma maior agilidade, sensibilidade local e capacidade de engajamento direto com consumidores e fornecedores. Segundo os autores, mesmo com limitações de recursos, esses agentes conseguem gerar inovação por meio de redes colaborativas, tecnologias acessíveis e estratégias de baixo custo com alto impacto socioambiental.

Além disso, Kirchherr et al. (2018) observam que a economia circular ainda enfrenta dificuldades estruturais para ser amplamente incorporada, devido à falta de incentivos institucionais, resistência cultural e desconhecimento por parte dos consumidores. É nesse cenário que o empreendedorismo social se destaca, atuando como campo de experimentação e propagação de práticas inovadoras. Esses agentes não apenas redesenham produtos e processos, mas também transformam mentalidades e valores sociais através de suas práticas.

Para enfrentar esses desafios, várias estratégias podem ser adotadas, o apoio político, por exemplo, é fundamental, pois os governos podem implementar políticas que incentivem o empreendedorismo circular, como incentivos fiscais, subsídios e programas de financiamento segundo Munir & Fausiah (2025); Drissi

& Touzi. (2024) Também segundo estes autores, a inovação tecnológica desempenha um papel crucial, já que os avanços tecnológicos podem ajudar a superar os desafios logísticos e melhorar a eficiência dos modelos de negócios circulares quando aplicados ao processo. Além disso, há destaque para a colaboração setorial entre empresas, universidades e outras partes interessadas que podem facilitar o compartilhamento de conhecimento e recursos, ajudando a superar os desafios de escalabilidade e financiamento para estes negócios em desenvolvimento (Borrero & Yousafzai, 2024).

Por fim, os programas educacionais são essenciais para promover o empreendedorismo social, uma vez que atuam integrando princípios de sustentabilidade, fornecendo treinamento para empreendedores, capacitação técnica e fomentando uma rede de colaboração que podem impactar diretamente na manutenção de negócios para os empreendedores sociais. (Teixeira, 2023).

2.4 A TRANSIÇÃO CIRCULAR DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO: BARREIRAS E FACILITADORES PARA UM MODELO SUSTENTÁVEL

Apesar de possuir capacidade para atuar como potencial transformador, a transição para a economia circular no setor têxtil enfrenta uma série de obstáculos. Kirchherr et al. (2018) identificam quatro categorias principais de barreiras: econômicas, institucionais, organizacionais e culturais. Essa categorização serve como base para analisar os desafios e as oportunidades enfrentados pelos empreendimentos sociais circulares.

No plano econômico, destacam-se a dificuldade de acesso a financiamento, os altos custos iniciais de implementação de práticas circulares e a competitividade com modelos tradicionais de produção em larga escala. Zahra et al. (2009) e Drissi & Touzi (2024) ressaltam que os empreendimentos sociais, especialmente os de menor porte, enfrentam limitações para captar recursos em mercados financeiros tradicionais, uma vez que seu modelo híbrido que combina ideais de impacto social com retorno econômico, não se encaixa nos critérios convencionais de risco e rentabilidade esperado por investidores. No entanto, Munir & Fausiah (2025) argumentam que esses empreendimentos, ao

incorporarem práticas circulares, conseguem reduzir custos operacionais, aumentar a eficiência no uso de recursos e são capazes de criar fontes de receita, demonstrando viabilidade econômica no longo prazo.

No plano institucional, a ausência de políticas públicas específicas e de um arcabouço legal favorável dificulta a formalização e a escalabilidade de iniciativas circulares. Segundo o ICESP (2020), a legislação vigente muitas vezes não contempla práticas inovadoras como o reuso, a remanufatura e a reciclagem criativa, criando um cenário de insegurança jurídica para empreendedores. Como alternativa, o fortalecimento de parcerias com universidades, cooperativas e organizações da sociedade civil tem permitido a construção de soluções institucionais inovadoras, ainda que de forma descentralizada.

Do ponto de vista organizacional, os desafios incluem a gestão de processos logísticos complexos, a necessidade de qualificação técnica junto a resistência interna existente para a adoção de novos modelos. Müller & Pahl (2023) indicam que os empreendimentos circulares demandam habilidades específicas em áreas como design sustentável, análise do ciclo de vida e gestão de resíduos, o que demanda investimento em capacitação e reorganização dos fluxos de trabalho.

No plano cultural, a mudança de comportamento dos consumidores representa uma das barreiras mais complexas de superação. Kirchherr et al. (2018) observam que, mesmo entre consumidores conscientes, ainda prevalece o hábito de consumo descartável, impulsionado por tendências da moda rápida (*fast fashion*). Nesse sentido, Munir & Fausiah (2025) apontam que os empreendedores sociais têm adotado estratégias de engajamento comunitário, campanhas educativas e co-criação com os usuários como formas de transformar a relação da sociedade com os produtos e com os resíduos, criando um tipo de nova roupagem e reestruturando socialmente o conceito das peças que comercializam.

Dessa forma, compreender as barreiras e os facilitadores da transição circular no setor têxtil permite não apenas qualificar a análise das experiências empíricas, como também orientar políticas públicas e programas de apoio mais eficazes. O empreendedorismo social, ao operar nesses múltiplos níveis,

contribui positivamente para o avanço de um modelo produtivo regenerativo, inclusivo e adaptado aos desafios contemporâneos da sociedade.

O Quadro 2 a seguir sistematiza as principais barreiras e facilitadores ao empreendedorismo social identificados na literatura revisada. A categorização buscou articular ideias extraídas da literatura que foram sistematizadas e agrupadas em macrocategorias temáticas — econômico-financeira, político-institucional, cultural-educacional, tecnológico-logística, social-comunitária, pessoal-emocional e mercado-consumo —, com base nas recorrências e articulações observadas entre os autores revisados. Também foram observados fatores estruturais, institucionais, culturais e operacionais que influenciam diretamente o desempenho e a escalabilidade de iniciativas de empreendimentos sociais, especialmente aquelas voltadas à economia circular. Essa síntese foi fundamental para orientar a análise empírica, permitindo comparar os achados dos estudos de caso com os desafios e potenciais já descritos por autores como Vaz et al. (2015), Vieira (2022), Hassan et al. (2018) e Drissi & Touzi (2024).

Através destes estudos foi possível mapear obstáculos recorrentes, como a falta de acesso a crédito, a escassez de apoio institucional e o baixo reconhecimento jurídico de iniciativas sociais em setores informais. Razavi (2014), em especial, destaca o papel das desigualdades de gênero e da invisibilidade social como barreiras à autonomia empreendedora, o que ressoou fortemente nos casos analisados no presente estudo uma vez que sete dos nove empreendedores entrevistados que serão apresentados na seções subsequentes são mulheres. Além disso, os trabalhos de Pal & Gander (2018) e Coppola et al. (2021) reforçam como as práticas circulares desenvolvidas em contextos periféricos encontram resistência frente a estruturas de consumo linear ainda dominantes.

Ao mesmo tempo, os facilitadores descritos na literatura — como redes de apoio comunitário, reaproveitamento de saberes locais, inovação a partir da escassez e protagonismo feminino — mostraram-se não apenas presentes, mas também centrais para a sustentabilidade das iniciativas analisadas nas entrevistas. A repetição de autores como Vieira (2022) e Razavi (2014) no Quadro 4 indica o potencial desses estudos em oferecer uma leitura aprofundada

das dinâmicas sociais que atravessam o campo do empreendedorismo social em contextos vulneráveis.

Portanto, o Quadro 2 não apenas sintetiza a produção acadêmica existente, como também se apresenta como uma ferramenta analítica útil para compreender como os contextos locais moldam as possibilidades e os limites da transição circular. Sua contribuição vai além do campo descritivo, ao oferecer um ponto de partida de um campo exploratório que reconheçam a complexidade desses empreendimentos e incentivem soluções integradas, adaptadas à realidade dos territórios populares e periféricos. Além disso, ao dialogar com estudos oriundos tanto do Norte quanto do Sul Global, o quadro contribui para a construção de um repertório teórico mais diverso, plural e situado.

Quadro 2: Barreiras e Facilitadores do empreendedorismo social na literatura

Categoria Principal	Subcategoria	Aspecto	Autor(es)	ES	TC	EC
Econômico-Financeira	Acesso a Recursos	Barreira	Vaz et al. (2015)	x		
Econômico-Financeira	Modelos de Financiamento	Barreira	Vieira (2022)	x		
Política-Institucional	Políticas Públicas	Barreira	Hassan et al. (2018)	x		
Política-Institucional	Marco Legal	Barreira	Drissi & Touzi (2024)	x	x	x
Política-Institucional	Burocracia	Barreira	Razavi (2014)	x		
Cultural e Educacional	Valores e Estigmas	Barreira	Pal & Gander (2018)	x	x	x
Cultural e Educacional	Resistência Cultural	Barreira	Coppola et al. (2021)	x	x	x
Tecnológica e Logística	Infraestrutura Tecnológica	Barreira	Vieira (2022)	x	x	x
Tecnológica e Logística	Falta de Logística Reversa	Barreira	Vieira (2022)	x	x	x
Social-Comunitária	Isolamento Social	Barreira	Razavi (2014)	x	x	x
Social-Comunitária	Falta de Redes de Apoio	Barreira	Razavi (2014)	x	x	x

Pessoal-Emocional	Sobrecarga Emocional	Barreira	Razavi (2014)	x	x	x
Pessoal-Emocional	Falta de Preparação	Barreira	Braga (2013)	x	x	x
Mercado e Consumo	Competição com Grandes Marcas	Barreira	Razavi (2014)	x	x	x
Mercado e Consumo	Precificação Competitiva	Barreira	Razavi (2014)	x	x	x
Econômico-Financeira	Consumo Consciente	Facilitador	Coppola et al. (2021), Braga (2013)	x	x	x
Econômico-Financeira	Geração de Renda	Facilitador	Vaz et al. (2015)	x		
Política-Institucional	Editais Públicos	Facilitador	Hassan et al. (2018)	x		
Cultural e Educacional	Educação Formal e Não Formal	Facilitador	Itelvino (2016)	x	x	x
Cultural e Educacional	Sensibilização do Consumidor	Facilitador	Coppola et al. (2021)	x	x	x
Tecnológica e Logística	Capacitação Técnica	Facilitador	Itelvino (2016)	x	x	x
Social-Comunitária	Engajamento Comunitário	Facilitador	Araújo (2015)	x	x	x
Social-Comunitária	Participação de Grupos Vulneráveis	Facilitador	Vaz et al. (2015), Braga (2013)	x	x	x
Pessoal-Emocional	Motivação e Perfil de Solidariedade	Facilitador	Vaz et al. (2015), BRAGA, Joana (2013)	x	x	x
Pessoal-Emocional	Resiliência	Facilitador	Braga (2013)	x	x	x
Mercado e Consumo	Demanda por Produtos Sustentáveis	Facilitador	Coppola et al. (2021)	x	x	x
Mercado e Consumo	Visibilidade no Mercado	Facilitador	Braga (2013)	x	x	x

Autor (2025). * Nota: ES – Empreendedorismo social, TC – Transição circular, EC – Economia Circular.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, com o objetivo de compreender em profundidade um fenômeno social complexo, multifacetado e emergente: o papel do empreendedorismo social na transição para a economia circular na indústria têxtil em países emergentes. Considerando a escassez de estudos empíricos sobre essa interseção temática, optou-se por um desenho metodológico que permitisse tanto a construção teórica baseada em evidências quanto a interpretação sistemática dos significados atribuídos pelos atores envolvidos. Para isso, foram combinadas duas metodologias amplamente reconhecidas pela sua robustez: o estudo de caso múltiplo, proposto por Eisenhardt (1989), e a análise temática, conforme os princípios delineados por Braun & Clarke (2006).

A escolha metodológica está fundamentada na premissa de que o empreendedorismo social, enquanto fenômeno enraizado em contextos específicos, exige uma abordagem sensível às dinâmicas organizacionais, institucionais e culturais. Por outro lado, a economia circular, especialmente quando aplicada ao setor têxtil, apresenta múltiplas camadas de complexidade, que vão desde inovações tecnológicas até transformações socioculturais. Compreender as estratégias, barreiras e facilitadores dessa transição requer não apenas uma análise empírica de múltiplos casos (Eisenhardt, 1998), mas também a capacidade de captar os sentidos, percepções e valores atribuídos por empreendedores sociais às suas práticas (Braun & Clarke, 2006).

A metodologia de Eisenhardt (1989) é particularmente adequada para gerar teorias a partir de contextos em que as estruturas ainda estão em formação, como é o caso da economia circular na indústria têxtil. Sua abordagem propõe um processo sistemático para a construção teórica por meio da comparação entre múltiplos casos, permitindo o refinamento de categorias, a identificação de padrões recorrentes e o desenvolvimento de proposições ancoradas em evidências empíricas. Essa metodologia oferece um equilíbrio entre estrutura e flexibilidade, sendo amplamente utilizada em pesquisas organizacionais e de inovação.

Por outro lado, a análise temática de Braun & Clarke (2006) possibilita examinar o conteúdo das entrevistas realizadas para os estudos de casos conduzidos de forma rigorosa, mas adaptável ao contexto e à profundidade qualitativa do objeto estudado. Sua proposta é acessível e amplamente reconhecida no campo das ciências sociais aplicadas, especialmente em estudos que envolvem significados, valores, práticas sociais e discursos. Por meio de suas seis fases — desde a familiarização com os dados até a construção do relato analítico —, a análise temática permitiu a codificação sistemática e a organização dos dados em temas centrais que sustentam as proposições teóricas emergentes e permitiu a sensibilidade necessária para a adaptação dentro do contexto de vulnerabilidade social identificada na atuação dos empreendedores sociais identificados.

A integração dessas duas abordagens foi essencial para atender aos objetivos deste trabalho. Enquanto Eisenhardt (1989) fornece a espinha dorsal estrutural da investigação, orientando a seleção dos casos e a lógica comparativa entre eles, Braun & Clarke (2006) oferece profundidade interpretativa à análise dos discursos e à identificação de significados recorrentes ou singulares nas experiências dos entrevistados. Essa combinação metodológica garante ao estudo o rigor exigido na pesquisa acadêmica, sem renunciar à sensibilidade necessária para compreender fenômenos sociais em transformação.

Além disso, a escolha metodológica está alinhada com a ideal de pesquisa sobre inovação sustentável, que recomenda abordagens híbridas e iterativas, capazes de lidar com a complexidade dos sistemas socioeconômicos em transição. Estudos que envolvem sustentabilidade, circularidade e impacto social frequentemente demandam modelos metodológicos abertos, participativos e adaptáveis, que valorizem tanto a estrutura analítica quanto a escuta ativa dos atores sociais envolvidos e suas respectivas vivências, condições e cenários socioambientais, socioculturais e socioeconômicos.

Dessa forma, o trajeto metodológico utilizado neste trabalho vai além da simples aplicação de um método de análise, configurando-se como uma estratégia de compreensão de conhecimento para explorar e compreender um campo ainda em desenvolvimento, determinado por incertezas, contradições e potencialidades. A seguir, são detalhadas no quadro 2 as etapas de

planejamento, seleção dos casos, coleta de dados, análise e construção teórica, e demais etapas que compõem o desenho do método da pesquisa.

Quadro 3: Resumo metodológico

Etapas	Descrição	Objetivo
1. Revisão da Literatura	Levantamento bibliográfico sobre EC, ES, setor têxtil e barreiras à circularidade	Construir o referencial teórico e embasar a categorização analítica
2. Definição da Amostra	Seleção intencional de 9 empreendimentos sociais atuantes com práticas circulares no setor têxtil	Garantir diversidade e relevância empírica para os objetivos do estudo
3. Elaboração do Roteiro de Entrevista	Construção de roteiro semiestruturado com base no referencial teórico	Direcionar a coleta de dados com foco em barreiras e facilitadores
4. Coleta de Dados	Realização de entrevistas com os empreendedores sociais	Obter dados primários ricos e contextualizados sobre práticas e desafios
5. Transcrição e Organização	Transcrição literal das entrevistas e organização em planilhas por categorias	Facilitar a sistematização e análise dos dados coletados
6. Análise Temática	Codificação das falas conforme Braun & Clarke (2006), com agrupamento em macrotemas	Identificar padrões de sentido e estruturar os achados da pesquisa
7. Interpretação dos Resultados	Discussão crítica dos achados à luz da literatura revisada	Relacionar teoria e prática, ampliando o entendimento do fenômeno estudado
8. Redação da Conclusão	Sistematização das contribuições teóricas, empíricas e práticas do estudo	Consolidar os resultados e indicar caminhos futuros para a pesquisa e ação

Autor (2025)

3.1 PLANEJAMENTO DA PESQUISA

O planejamento desta pesquisa foi orientado pela ideia de que compreender as transformações necessárias para promover a circularidade na indústria têxtil, com ênfase nos atores de empreendedorismo social, compreendendo que isto exige não apenas uma abordagem estruturada, mas também sensível às nuances dos contextos sociais onde essas iniciativas estão inseridas. Com isso em mente, a pesquisa foi organizada em cinco fases principais, inspiradas na metodologia de estudo de caso múltiplo proposta por Eisenhardt (1989) e combinadas com os princípios interpretativos da análise temática de Braun & Clarke (2006). Essa articulação busca integrar uma visão analítica sobre

estruturas e padrões com a escuta atenta dos significados subjetivos expressos pelos participantes da pesquisa.

Definir o problema de pesquisa, elaborar o roteiro de entrevistas, selecionar criteriosamente os casos e realizar a triangulação com fontes secundárias foram etapas fundamentais para garantir a qualidade dos dados e a consistência dos resultados. Além disso, foram estabelecidos critérios para assegurar a validade interna e externa da pesquisa, como a análise de informações e contribuições teóricas e a coerência entre as categorias emergentes e a literatura de base foram fundamentais para as definições iniciais do estudo.

Os dados foram coletados em abril de 2025, por meio de entrevistas semiestruturadas com empreendedores sociais atuantes no setor têxtil. As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou via plataforma google meet, que por sua praticidade de uso foi ideal para a condução das entrevistas sem entraves. As entrevistas duraram em média 30 minutos e foram gravadas com o consentimento dos participantes. O curto tempo de duração das entrevistas se deu pelo método aplicado de compreensão e análise, que possibilitou que algumas perguntas fossem puladas pois já haviam sido respondidas em alguma fala do participante, o que trouxe fluidez para a condução das entrevistas e permitiu que o processo fosse empático. Posteriormente, as gravações foram transcritas, ouvidas novamente, e analisadas com o auxílio de planilhas, conferindo as anotações feitas em campo e realizando uma categorização manual, seguindo os princípios da análise temática. O roteiro utilizado nas entrevistas está disponível no Apêndice 1 e inclui perguntas organizadas em eixos implícitos: práticas circulares, estratégias empreendedoras, barreiras enfrentadas e facilitadores percebidos.

Como etapa descrita entre os objetivos específicos, em complemento à revisão da literatura e em preparação para a análise empírica, foi elaborado um quadro (conforme quadro 4 da seção 4) analítico-sintético que sistematiza as principais categorias e subcategorias identificadas na literatura sobre economia circular, empreendedorismo social e transição circular. Esse quadro, além de uma ideia de organização de referências teóricas, assume também caráter instrumental e autoral, com o objetivo de orientar a interpretação dos dados empíricos coletados. O propósito desse quadro foi estruturar uma abordagem multidimensional para análise dos resultados das pesquisas, integrando

aspectos econômicos, políticos, institucionais, culturais, sociais, emocionais e mercadológicos. Cada categoria e subcategoria foi construída a partir da convergência entre três fontes principais:

- Autores da literatura revisada, que forneceram os fundamentos teóricos;
- Dados emergentes das entrevistas com empreendedores sociais (ES), que trouxeram insights práticos e contextuais;
- Conceitos fundamentais da economia circular (EC), da transição circular e do empreendedorismo social (ES), que serviram como base conceitual para a análise.

Esse processo resultou em um instrumento que guiou a codificação temática dos relatos, permitindo cruzar os dados empíricos com os marcos teóricos previamente levantados. A organização em categorias principais, subcategorias e aspectos analíticos foi o que possibilitou a estruturação e a interpretação dos resultados, assegurando que os achados fossem apresentados de forma sistemática e alinhada ao objetivo da pesquisa.

Embora o quadro seja apresentado de forma detalhada na seção de Resultados e Discussões, sua construção metodológica ocorreu como o primeiro passo interpretativo do processo de análise. Ele funciona como uma ferramenta de mediação entre o teórico e o empírico, estruturando a leitura dos dados e garantindo de forma ordenada a categorização necessária para uma análise qualitativa aprofundada.

A metodologia adotada segue recomendações de Braun & Clarke (2006), que sugerem a identificação e agrupamento de temas como parte essencial da análise qualitativa. Assim, o quadro não apenas organiza os dados coletados, mas também serve como base para a codificação inicial e a categorização dos temas emergentes, garantindo que os resultados reflitam tanto a riqueza dos dados empíricos quanto a profundidade dos referenciais teóricos encontrados.

Dessa forma, o quadro analítico-sintético que será apresentado como resultado se configura como um elemento central e importante no processo de análise, permitindo uma interpretação mais clara, coesa e crítica das barreiras e

facilitadores enfrentados pelo empreendedorismo social na transição para a economia circular no setor têxtil.

3.2 SELEÇÃO DOS CASOS

A seleção dos casos seguiu o critério de amostragem intencional teórica, conforme defendido por Eisenhardt (1989), buscando representar a diversidade de estratégias, estágios de maturidade dos negócios e modelos organizacionais existentes e conhecidos no campo do empreendedorismo social voltado à indústria têxtil. A amostragem teórica se diferencia da amostragem probabilística tradicional ao priorizar a riqueza informacional dos casos e sua capacidade de contribuir para a construção teórica, em vez da representatividade estatística.

Foram selecionadas iniciativas empreendedoras, localizadas nos estados da Paraíba (PB), Pernambuco (PE) e Rio de Janeiro (RJ). Embora limitada em termos de abrangência geográfica, a escolha reflete as condições de viabilidade e acesso do estudo. O caso do ES2, situado no Rio de Janeiro, foi tratado como estudo piloto, tendo sido o primeiro a ser analisado e contribuído significativamente para o refinamento das categorias de análise.

Os principais critérios para a seleção dos casos incluíram:

- **Relevância temática:** Atuação direta com práticas da economia circular (upcycling, logística reversa, uso de matéria-prima renovável, produção sob demanda, remanufatura, reutilização de materiais, necessidade econômica etc.);
- **Compromisso social:** Clareza quanto ao propósito social, comunitário, e ambiental possuindo ações voltadas à inclusão produtiva, geração de renda ou capacitação em ambientes de vulnerabilidade social em distintas instancias;
- **Estágio de desenvolvimento:** Casos em diferentes fases (emergentes, em consolidação e estabelecidos), permitindo a análise comparativa entre desafios comuns e específicos;

- **Disponibilidade de informações:** Abertura dos empreendedores para entrevistas, compartilhamento de dados e acesso a informações pessoais.

Essa triangulação metodológica fortalece a validade das inferências e permite uma visão mais abrangente e confiável dos processos investigados. A diversidade dos perfis permitiu explorar as múltiplas dimensões que envolvem a implementação de práticas circulares em contextos de escassez de recursos, ausência de políticas públicas de apoio e invisibilidade social e vulnerabilidade social. Com isso, a seleção dos casos reforça o potencial teórico de extração de padrões e proposições emergentes sobre o papel do empreendedorismo social na transição circular da indústria têxtil, mas propõe também uma perspectiva de análise sobre um ótica de atuação de empreendedores em situação de vulnerabilidade social, categorizados segundo o quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Empreendimentos sociais contemplados no estudo de caso.

Código	Empreendimento Social	Atuação	Tempo de Atuação	Localidade	Entradas (Origem de insumos)	Saídas (principais produtos)
ES1	Upcycling	Reaproveitamento	2 anos	Recife, PE	Peças de vestuário em Jeans inutilizáveis (Provenientes de brechós ou doações)	Bolsas, Chapéus e Bonés
ES2	ONG	Reaproveitamento	27 anos	Rio de Janeiro, RJ	Retalhos de múltiplos tecidos	Itens de artesanatos, Bonecas, Bolsas, Novas peças de roupa, Reparos e Renovação de peças
ES3	Ateliê de Reparos e customização de peças	Remanufatura	23 anos	João Pessoa, PB	Peças defeituosas de vestuário em geral	Peças reparadas, adaptadas e reestilizadas
ES4	Brechó	Reutilização	4 anos	João Pessoa, PB	Itens de vestuário em geral (Provenientes de aquisições,	Comercialização das peças descritas na coluna anterior

					permutas, trocas e doações)	
ES5	Confecção de Costura	Reaproveitamento	2 anos	João Pessoa, PB	Sobras e retalhos de cetim que não são aproveitados na produção do produto principal da confecção.	Scrunchies (xuxinhas de cabelo)
ES6	Tapeceiro	Reciclagem	2 anos	Bayeux, PB	Retalhos de múltiplos tecidos, em tamanho reduzido (sobras que recebe do ES5)	Tapetes produzidos a partir de retalhos e sacos de estopa para comercialização
ES7	Brechó	Reutilização	7 anos	Recife, PE	Itens de vestuário em geral (Provenientes de aquisições, permutas, trocas e doações)	Comercialização das peças descritas na coluna anterior
ES8	Artesanato	Reaproveitamento	3 anos	Tracunhaém, PE	Retalhos de tecidos e roupas inutilizáveis	Colchas e Capas de almofada produzidas a partir da técnica de Fuxico
ES9	Brechó	Reutilização	3 anos	Recife, PE	Itens de vestuário em geral (Provenientes de aquisições, permutas, trocas e doações)	Comercialização das peças descritas na coluna anterior

Fonte: Autor (2025)

3.3 COLETA DE DADOS

A etapa de coleta de dados foi estruturada com o objetivo de capturar as experiências, percepções e estratégias dos empreendedores sociais que atuam na promoção da circularidade na indústria têxtil brasileira. Para isso, optou-se por entrevistas semiestruturadas em profundidade, permitindo a flexibilidade necessária para explorar temas emergentes durante a conversa, sem perder o

foco nos objetivos centrais da pesquisa. O critério de seleção utilizado para a condução dos entrevistados foi considerando a ideia de serem parte de um país emergente no quesito empreendedorismo social, a situação socioeconômica e social e a relevância do conhecimento de cada um dos entrevistados quanto aos aspectos socioambientais abordados neste trabalho.

O roteiro de entrevistas foi construído com base nas categorias analíticas provenientes do referencial teórico e nas proposições iniciais do estudo do referencial teórico que gerou o quadro 2 da seção 2.4, abordando temas indiretos e diretos que auxiliariam na compreensão dos casos e em suas respectivas comparações como:

- A trajetória do empreendedor e os valores que sustentam o negócio;
- As práticas circulares adotadas e seus resultados percebidos;
- As barreiras enfrentadas na implementação do negócio;
- Os fatores que funcionam como facilitadores ou catalisadores da transição.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a análise temática, conforme proposta por Braun & Clarke (2006), a qual permite a identificação, a organização e a interpretação de padrões significativos dentro de conjuntos de dados. A escolha desta técnica fundamenta-se na sua capacidade de articular a profundidade interpretativa esperada dos estudos e a flexibilidade analítica, o que é particularmente útil em pesquisas que investigam significados sociais, subjetividades e práticas emergentes como o caso da investigação.

A análise foi conduzida seguindo as seis etapas descritas pelos autores:

Familiarização com os dados: A transcrição foi feita com o auxílio de um software online chamado transcriptor que converte áudios em texto, foi realizada uma mescla entre leitura atenta das transcrições e anotações de campo, e das análises obtidas ouvindo os áudios de entrevista novamente, permitindo uma maior imersão no conteúdo das entrevistas para obter mais aproveitamento.

Geração de códigos iniciais: Foi realizada uma codificação manual das falas dos participantes com base em unidades de significados, como palavras-chave, expressões recorrentes e narrativas exemplares dentro da ferramenta de planilhas, enquanto eram anotadas em um bloco de notas insights sobre as inter-relações de dados entre os casos analisados, visando compreender os modos de como os dados das entrevistas poderiam embasar ou contrapor ideias vistas em literatura.

Busca por temas: Foi feito o agrupamento dos códigos de empreendedores sociais referenciados no quadro 4 da seção 3.2 do trabalho e suas respectivas falas ordenadas por categorias de temas, que foram associados aos temas de propostos na categorização dos quadros 5 e 6 da seção 4, possibilitando distribuir as falas dos entrevistados em grupos correlatos aos vistos e investigados no embasamento e análise da literatura, os segmentando em: econômico-financeira, política-institucional, cultural-educacional, tecnológica-logística, social-comunitária, pessoal-emocional e mercado-consumo, auxiliando na identificação das correlações para classificar os aspectos levantados por eles como barreiras e facilitadores, e os correlacionar com a revisão teórica que embasa este trabalho, mas também auxiliando a compreender se haveriam novos temas de oportunidade possibilitando revisão em relação a categorização proposta, de modo a fomentar adição ou contraposição das ideias encontradas em literatura, sobre a perspectiva intencional de abordagem de casos de vulnerabilidade social.

Revisão dos temas: Foi feito o refinamento das categorias temáticas, garantindo coerência interna e distinção clara entre os temas e subcategorias, criando correlação com a proposta de objetivo e lacunas encontradas na literatura. Deste modo, torna-se possível a compreensão e associações das contribuições de entrevistas correlacionando os dados mencionados na coluna de subcategorias do quadro 2 da seção 2.4, para compreender de forma analítica os pontos levantados, mas permitindo também a inserção de novos agrupamentos de subcategorias ou contrapontos com a literatura através dos resultados da consolidação das análises. Neste momento, o uso da ferramenta

de planilhas para associação e síntese das correlações foi um aspecto facilitador do processo prático de consolidação.

Definição e nomeação dos temas: Foi feita a consolidação das temáticas finais que compõem as macros categorias e as subcategorias previamente citadas e a descrição de seus significados com base na literatura teórica e na vivência empírica relatada pelos entrevistados. Os dados foram distribuídos e sintetizados baseados nas experiências de cada um dos entrevistados e dos vãos literários que este trabalho visa preencher. Essas definições de temas e códigos foram utilizadas para sistematizar as análises de dados das entrevistas, e sintetizá-las em um quadro resumido sobre as proposições, viabilizando a identificação de novos aspectos de barreiras e facilitadores não presentes na literatura, reforçando algumas teorias vistas nas contribuições do embasamento de referencial teórico e contribuindo com novas análises sobre os empreendimentos esses empreendimentos emergentes.

Produção do relatório: A construção do relatório final foi realizada de maneira a integrar os temas emergentes das entrevistas com as discussões teóricas apresentadas no referencial deste trabalho. Para isso, trechos significativos das falas dos entrevistados foram selecionados e organizados de forma a ilustrar as categorias temáticas discutidas, garantindo que as vozes dos participantes fossem respeitadas e preservadas sob o compromisso de confidencialidade. Cada tema foi articulado com os fundamentos teóricos previamente abordados, permitindo identificar pontos de convergência, de divergência e novas ideias entre a literatura e as experiências relatadas pelos empreendedores sociais. Essa integração não apenas reforçou algumas das proposições já consolidadas na literatura, mas também trouxe à tona novas perspectivas sobre barreiras e facilitadores enfrentados por esses atores que auxiliam na mudança para a transição circular.

O relatório foi estruturado para destacar as contribuições empíricas do estudo, oferecendo uma análise crítica que conecta as vivências dos entrevistados às lacunas teóricas identificadas, proporcionando assim uma base sólida para reflexões futuras sobre o tema. Além disso, a síntese dos resultados

foi apresentada de forma clara e acessível, facilitando a compreensão dos impactos práticos das descobertas para o campo do empreendedorismo social.

É importante destacar que, paralelamente à análise temática, manteve-se a abordagem iterativa defendida por Eisenhardt (1989), permitindo que os dados fossem revisitados constantemente à medida que novos padrões e relações emergiam, mantendo a dinâmica esperada para o estudo de campos emergentes. Essa alternância entre teoria e evidência empírica garantiu maior robustez à construção das categorias e à interpretação dos achados.

3.5 EXPLORAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEMAS EMERGENTES

A fase final deste estudo concentrou-se na exploração detalhada dos temas de categorias e subcategorias que surgiram a partir dos dados coletados, seguindo uma abordagem baseada nos princípios de Braun e Clarke (2006). O processo foi conduzido de maneira intuitiva e reflexiva, priorizando aprofundamento nas narrativas, vivências e percepções compartilhadas pelos empreendedores que participaram ativamente das entrevistas que embasam este trabalho. Ao invés de buscar generalizações ou proposições teóricas pré-definidas, o foco esteve em explorar os significados atribuídos pelos empreendedores sociais às suas práticas, as barreiras enfrentadas, os facilitadores de cenário e as estratégias no contexto indústria têxtil de países em desenvolvimento como o Brasil.

A análise temática possibilitou identificar os núcleos centrais de facilitadores em categorias que refletem os impactos positivos gerados, as barreiras enfrentadas que dificultam o escalonamento das práticas e as estratégias adotadas por esses empreendedores sociais para lidar com ambos os aspectos. Esses núcleos foram organizados em categorias e subcategorias que dialogam com a literatura sobre barreiras e facilitadores (econômico-financeira, política-institucional, cultural-educacional, tecnológica-logística, social-comunitária, pessoal-emocional e mercado-consumo), mas também revelaram particularidades específicas do segmento têxtil quanto as subcategorias percebidas na síntese dos dados. A abordagem intuitiva possibilitou capturar nuances inesperadas e complexidades que não eram evidentes antes da coleta de informações, tornando possível a adaptação aos contextos de cada um dos empreendedores.

As subcategorias que emergiram do processo foram sintetizadas em uma representação visual que ilustra a dinâmica de atuação desses empreendimentos (conforme quadros 5 e 6 da seção 4), destacando os principais obstáculos superados como barreiras, as estratégias implementadas para impulsionar os facilitadores e os resultados alcançados em correlação com a literatura. O formato de síntese oferece uma compreensão mais rica e contextualizada do papel do empreendedorismo social na transição para a economia circular, além de fornecer um modelo interpretativo que pode orientar futuras investigações e a formulação de políticas públicas adaptadas às peculiaridades do setor através dos resultados obtidos.

Todo o processo metodológico foi executado com rigor científico, garantindo transparência e confiabilidade dos resultados encontrados. A análise foi realizada de forma cíclica e reflexiva conforme as contribuições ao longo do período de entrevistas, mantendo atenção constante aos contextos e aos significados atribuídos pelos participantes para cada um dos negócios. A interação com os entrevistados foi marcada por uma escuta empática e ética, preservando seus direitos a confidencialidade de dados e interpretando suas experiências de maneira sensível ao cenário estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das entrevistas revelou uma diversidade de barreiras e facilitadores que influenciam diretamente o desenvolvimento do empreendedorismo social no contexto da transição para a economia circular, especialmente no setor têxtil e na produção artesanal. Baseado nas propostas previamente citadas na seção de métodos, nesta seção, os resultados foram explorados e detalhados sob as lentes dessas categorias, articulando as informações obtidas com a literatura acadêmica e destacando como esses fatores impactam positiva ou negativamente as práticas do empreendedorismo social. Ao final dessa seção, o Quadro 3 traz um resumo geral dos achados da pesquisa.

4.1 FACILITADORES E BARREIRAS ECONÔMICO-FINANCEIRAS

4.1.1 DIFICULDADE DE ACESSO A RECURSOS FINANCEIROS

Entre os principais desafios enfrentados pelos empreendedores sociais entrevistados, a dificuldade de acesso a recursos financeiros se destacou de forma unânime entre todo o grupo. Todos relataram trajetórias marcadas pela ausência de linhas de crédito adequadas ou pela dificuldade em atrair investidores para empreendimentos dentro da vertente social, especialmente por não se enquadrarem nos moldes tradicionais de análise de risco e retorno exigidos pelas instituições financeiras. Segundo Vaz (2015), a dificuldade de acesso a recursos financeiros está diretamente coligada ao desfavorecimento de políticas públicas para o setor. Vieira (2022) destaca o descompasso existente entre modelos financeiros tradicionais e o desenvolvimento de negócios sociais, uma vez que salienta a dificuldade de acesso a capital adequado para os empreendedores, relacionado ao risco de investimento em empreendimentos como estes.

Para esses negócios, cujo impacto social muitas vezes é maior que o retorno financeiro direto, o sistema atual de financiamento ainda se mostra excludente e pouco sensível às suas especificidades. Braga (2013) classifica como barreira crítica no desenvolvimento de empreendimentos sociais o acesso e a mobilização de recursos financeiros. Contudo, embora haja essa afirmação na

literatura, há uma ressalva destacada por outro autor. Vieira (2022) sugere que a dependência de redes informais e a falta de apoio diversificado são características marcantes do empreendedorismo social, o que pode implicar dificuldades no acesso a recursos formais, como na dependência de financiamentos. Segundo a contribuição do ES2, o apoio financeiro dado pelo governo durante o período de capacitação foi o vetor principal que viabilizou o programa de desenvolvimento e aprendizado proposto pela ONG, o que foi um fator crucial para o desenvolvimento do negócio.

Nesse caso, o apoio financeiro governamental não só garantiu a manutenção da infraestrutura do projeto, como também viabilizou ações de capacitação para os moradores da comunidade local, que difundiram esse conhecimento e obtiveram um resultado positivo no desenvolvimento e expansão de seus negócios. Esse tipo de suporte demonstrou ter um grande impacto para transformar a realidade socioambiental e proporcionar um ambiente de oportunidades diversas, o que demonstra o potencial de políticas públicas bem direcionadas como um vetor de mudança para o sucesso do empreendedorismo social e, conseqüentemente, um impacto positivo sobre a transição circular. Segundo informações obtidas na entrevista com o ES2 na época do início do projeto em questão, no ano de 1998, somente mulheres constituíam o corpo de alunas do projeto social de capacitação, e que, no contexto sociocultural da época, a bolsa de estudos obtida para a manutenção dessas mulheres no contexto de vulnerabilidade social era o que as incentivava a permanecer adimplentes às aulas e permitiu o desenvolvimento profissional para todas elas.

Em paralelo, em um de seus relatos sobre o desenvolvimento de seu negócio, a ES8 destacou como precisou contar com o apoio familiar para iniciar seu empreendimento, uma vez que não teve acesso a nenhum tipo de financiamento ou apoio externo ao seu núcleo familiar. Assim como o ES1, que relata que o investimento inicial em maquinários e insumos para o início de suas atividades partiu de sua avó, como incentivo para que ele desse continuidade ao que define ser um sonho, conforme relato de sua fala a seguir: “Quem me permitiu, né, começar assim investindo foi vó, que me deu de presente minha primeira máquina de costura e me permitiu iniciar assim, um sonho, né?” Segundo o ES1,

mesmo tendo conseguido algum apoio inicial através do incentivo de seus familiares, revela que teve dificuldades constantes para captar novos recursos, o que limitou sua capacidade de expandir as atividades e alcançar mais pessoas através de seu trabalho.

Apesar disso, surgem também exemplos de estratégias criativas e oportunidades pontuais que ajudaram esses empreendedores a seguir em frente, mesmo sem incentivos de recursos financeiros externos. Um caminho mencionado por três dos empreendedores (ES3, ES5 e ES9) definiu o uso da rescisão de contratos de trabalho como uma possibilidade de capital inicial de investimento. Para os entrevistados citados, essa verba possibilitou a compra de máquinas, insumos e até mesmo o aluguel de um espaço de trabalho. Outro caso emblemático correlacionado foi uma citação da ES8, que alega que seu empreendimento foi favorecido durante o período pandêmico, onde, após receber recomendações e incentivos de familiares para o que define ser um 'dom', resolveu investir na produção de artigos de fuxico e abrir seu próprio negócio. Ela alega ter conseguido estruturar sua produção graças a um benefício oferecido pelo governo para pessoas em situação de vulnerabilidade social, chamado auxílio emergencial. Ela diz que o auxílio serviu não somente como um facilitador para a aquisição de itens essenciais para o início de sua produção, mas também como um facilitador por aquecer o mercado informal de vendas. Segundo a ES8, suas vendas foram impulsionadas durante o período pandêmico, uma vez que, devido ao pequeno ganho de poder de compra que foi acrescido dentro de sua comunidade, a busca por ser produtos foi intensificada. A mesma relata que "como as pessoas ficavam só em casa e queriam arrumar a casa, eu fui vendendo assim no boca a boca para pagar depois. Minhas vizinhas aqui na época estavam recebendo o dinheiro do auxílio emergencial e deu pra elas comprar umas coisinhas a mim pra pagar depois e eu fui investindo, né". Com esse apoio, ela conseguiu comprar os primeiros equipamentos e, devido a essa combinação de fatores, permitiu que o negócio ganhasse fôlego e se tornasse uma fonte de renda relevante durante este período crítico.

Ao olhar para esses relatos, fica evidente que o acesso ao financiamento segue sendo uma barreira estrutural, mas também se percebe a força criativa e

a resiliência de quem empreende em contextos adversos. Dentre os relatos, os entrevistados em suma denotam que “gostar”, “amar”, “paixão” e “prazer” são o que eles pontuam como motivadores intrínsecos na motivação para superar as barreiras financeiras de seu negócio. Ainda assim, a ausência de mecanismos financeiros inclusivos limita o alcance transformador que estes negócios possuem e evidencia a necessidade de políticas que reconheçam o valor social e ambiental dessas atividades, como defendem Araújo e Vieira (2015, 2022). Em suma, a restrição ao financiamento limita o potencial desses negócios e evidencia o papel estratégico do Estado e das redes de apoio na construção de um ambiente mais equitativo para o empreendedorismo circular.

4.1.2 CUSTOS INICIAIS ELEVADOS

Outro desafio frequentemente mencionado pelos empreendedores entrevistados foi o peso dos custos iniciais para colocar um empreendimento circular em funcionamento. A ES5 relatou que, para iniciar o seu empreendimento, foi necessário um investimento inicial alto em maquinários, que, mesmo sendo simples comparado à disponibilidade de mercado, para ela possuíam na época um custo significativo, destacado pelo cenário do início de seu empreendimento, que se deu a partir da demissão de seu trabalho regular/formal. Conforme definido por Vieira (2022), a manutenção e o desenvolvimento da infraestrutura básica, como máquinas e ferramentas, são dificultados pelos custos, que se correlacionam novamente com a ideia defendida na subseção anterior. Um ponto de destaque para o tema foi a contribuição do ES6 quanto aos custos iniciais de sua produção. Segundo ele, seu processo produtivo poderia ter sido facilitado na época se houvesse a possibilidade de aquisição de algumas ferramentas básicas que servem de base para a produção dos tapetes que comercializa, mas que, dentro do contexto inicial do seu negócio, como não possuía capital de investimento inicial, precisou iniciar o processo de forma artesanal e manual, improvisando as ferramentas com itens que possuía em casa como arames, pregos e pedaços de madeira para construir a base de apoio para confecção de seus produtos.

Para negócios em desenvolvimento que possuem recursos limitados, arcar com a compra de máquinas, ferramentas e materiais específicos pode representar um obstáculo muitas vezes intransponível. Em muitos casos, a implementação de práticas como upcycling, reciclagem, remanufatura ou logística reversa exige não somente conhecimento técnico, mas também investimentos que estão muito além da realidade financeira desses pequenos negócios, conforme destaca Braga (2013). Sem acesso a crédito ou apoio institucional, os entrevistados ES6 e ES5 tiveram que adaptar seus processos de forma improvisada e unicamente manual, o que acabou impactando na eficiência da sua produção. Neste quesito, a ES5 relata que a competitividade do mercado em que ela atua favorece majoritariamente os grandes negócios, uma vez que negócios focados em produção de scrunchies em massa possuem processos automatizados, que os permitem produzir altos volumes dentro do modelo linear convencional de produção, mas que não possuem o mesmo tipo de “pegada sustentável”, segundo a empreendedora. Ela expõe que, mesmo tendo clareza sobre alternativas mais sustentáveis e tecnológicas, não pôde adotá-las por conta das limitações financeiras de investimento.

Apesar das dificuldades, surgiram também caminhos alternativos construídos a partir de vínculos comunitários e parcerias estratégicas. As entrevistadas ES2 e ES8 mencionam que os parceiros comunitários, as redes de empreendedores sociais e cooperativas que atuam em suas respectivas regiões são grandes facilitadores dos seus processos.

No caso da ES2, ela menciona que, durante as oficinas de capacitação das quais fez parte, e posteriormente se tornou professora, eram oferecidos maquinários e ferramentas aos participantes, tanto em momentos de treinamento dos cursos que eram ofertados como também em horários em que as máquinas estivessem livres, para que pudessem usufruir para uso e desenvolvimento pessoal. Segundo a entrevistada, para muitas pessoas, esse acesso durante o período de aprendizagem foi a única chance concreta de desenvolver habilidades práticas e experimentar a produção de seus próprios itens, sem o peso do investimento inicial e podendo comercializá-los e utilizá-los no dia a dia. Aqui há uma menção de destaque para como a ES2 define que o

critério de sucesso vem a partir da intervenção dos alunos do próprio projeto, utilizando também da premissa de partilha de saberes e experiências para melhorar a qualidade do produto, aumentar a rede de contatos e apoio e garantir que fosse possível a expansão do negócio para um ponto físico de exposição das obras produzidas. Araújo (2015), ao estudar os desafios enfrentados pelos empreendedores sociais da incubadora de empreendimentos populares e solidários de Osasco, em São Paulo, apoia a ideia de que oferecer treinamento e acesso a recursos como equipamentos, ferramentas e maquinários é crucial para capacitar indivíduos em situações de vulnerabilidade social, permitindo o desenvolvimento de habilidades técnicas e práticas sem o ônus do investimento inicial. Araújo (2015) também destaca que a reinserção deste público no mercado de trabalho, ou a sua emancipação social, que possibilita independência e autorrealização para alguns através do empreendedorismo social, é proveniente do comprometimento existente em treinamento e capacitação. No contexto incorporado pela ES2, podemos observar que a alternativa encontrada, assim como no caso estudado por Araújo (2015), veio por meio de um agente de capacitação que atua proporcionando factibilidade aos projetos de empreendimentos sociais.

Esses relatos mostram que, embora os custos iniciais representem uma barreira concreta e limitadora, há iniciativas que conseguem suavizar esse impacto por meio da cooperação e do apoio mútuo. Ainda assim, os entrevistados foram unânimes ao destacar a necessidade de políticas públicas mais bem direcionadas, que reconheçam o papel estratégico dos pequenos negócios circulares e criem mecanismos para viabilizar seus primeiros passos. Superar essa barreira pode ser um divisor de águas para ampliar o alcance da economia circular em territórios onde ela é mais necessária, como muitos dos ambientes abordados dentro dos casos de entrevista que se localizam em cenários geográficos distintos, mas com amplitude em relação aos tópicos de vulnerabilidade social. Soufani (2018) observou que a redução nos impactos ambientais e, conseqüentemente, da transição circular são provenientes do fortalecimento de redes de colaboração em comunidades marginalizadas, que auxiliam de forma direta na promoção do cenário de melhorias socioambientais.

4.2 FACILITADORES E BARREIRAS CULTURAIS E EDUCACIONAIS

4.2.1 RESISTÊNCIA CULTURAL AO CONSUMO SUSTENTÁVEL

A resistência cultural ao consumo sustentável apareceu com frequência nos relatos dos entrevistados. Com exceção da ES3 e da ES2, as narrativas revelam um desafio que vai além das barreiras econômicas supracitadas. De acordo com os entrevistados, potenciais consumidores ainda associam produtos feitos a partir de materiais reaproveitados a algo de menor valor, com aparência de “usado” ou “descartado”. Essa visão, enraizada em hábitos de consumo tradicionais, prejudica a aceitação de soluções circulares e limita as oportunidades de crescimento para pequenos empreendimentos. Em entrevista, o ES1 faz o seguinte comentário: “Eu já ouvi até de gente em feira que eu estava expondo que eram muitas roupas usadas unidas e que eram de muita gente e que as roupas poderiam carregar muitas energias negativas”. Kirchherr (2018) destaca explicitamente a resistência cultural como um obstáculo significativo para a adoção de práticas circulares, como podemos observar pelas declarações da maior parte dos entrevistados.

Embora os relatos embasem o cenário da barreira exposta por Kirchherr (2018), a ES2 trouxe uma contraposição interessante através de uma de suas colocações na entrevista, respondendo a uma das perguntas que visavam avaliar como os empreendedores faziam para transpor as barreiras dos empreendimentos sociais através de suas práticas. Segundo a entrevistada: “O capricho é tudo, né? Foi trabalhar com capricho que fez a gente começar a vender”. A ES2 destaca que, durante o treinamento de capacitação, por possuir identificação com o tipo de produção e se sentir vocacionada, logo se destacou, passando a atuar como “dinamizadora”. Segundo a entrevistada, o papel da dinamizadora era atuar como um reforço de classe, auxiliando a professora no processo de instrução das demais alunas, propagando e difundindo conhecimento entre o núcleo. O agente facilitador exposto pela ES2, quando menciona “capricho”, é o fator de acabamento das peças produzidas, que atribui às peças não somente valor social, mas econômico, auxiliando a transpor a barreira da resistência cultural pelos produtos deste nicho.

Para o ES6, o problema não está na qualidade do produto em si, mas na percepção que ainda se tem sobre o reaproveitamento, ele revela o desejo de ressignificar o valor do trabalho percebido através do empreendedorismo social, mostrando que é possível gerar inovação, beleza e impacto positivo a partir do que antes era descartado. Braga (2013) corrobora com a ideia do entrevistado quando expõe que a percepção de inferioridade limita a aceitação de produtos circulares, o que impede o avanço do modelo.

Nesse contexto, os entrevistados, de modo unânime, reforçaram a importância de ações educativas e estratégias de comunicação mais eficazes dentro de seus campos de atuação. Segundo relato do ES7, campanhas que consigam aproximar o consumidor das histórias por trás dos produtos, que expliquem os processos e os benefícios ambientais e sociais envolvidos, podem ser essenciais para desconstruir preconceitos e fomentar uma nova cultura de consumo sustentável e benéfica para o planeta, atrelando o sentido do impacto socioambiental ao produto resultante dos processos da cadeia sustentável que o empreendedorismo social busca fomentar.

4.2.2 FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Aliada à resistência cultural, a baixa conscientização ambiental da população surgiu como uma barreira importante à adoção de práticas sustentáveis, alinhada com a ideia defendida por Kirchherr (2018). De acordo com os relatos dos empreendedores ES2 e ES5, que se destacam por sua conscientização sociopolítica em seus campos de atuação comunitários, a sociedade não dimensiona de maneira concisa o impacto proveniente da indústria têxtil no meio ambiente, desde a enorme quantidade de resíduos gerados até o uso intensivo de água, energia e matérias-primas virgens. Durante a entrevista, a ES2 citou que atualmente faz uso de um discurso que politiza a população, trazendo os impactos ambientais e a conscientização no marketing da comercialização de seus produtos, atrelando, além do significado social do contexto de produção dos itens, o impacto ambiental proveniente da aquisição daquele item, trazendo um sentido para os seus clientes, facilitando a aceitação e a venda dos produtos. Segundo ela: “Fazer assim é o que faz a gente conseguir vender o produto. Você explica para o cliente que ele não é só um item, que há uma história por trás, e

isso é o que mais ajuda a gente para vender nas feiras, por exemplo”. Aqui, ela não somente concorda com a ideia proposta por Kirchherr (2018), mas também revela que a estratégia para superar essa barreira é através de um discurso de marketing educativo e sociopolítico, uma vez que, através deles, consegue impulsionar as vendas.

De todo modo, a falta de conhecimento, como apontado pela ES4, atuante no campo de reutilização, faz com que a escolha por produtos sustentáveis ainda seja vista como exceção, e não como parte de uma mudança necessária ou como um hábito de consumo socialmente válido e aceito. Ela destaca que, por trabalhar com peças reutilizadas, preza por peças atemporais, duráveis e de boas condições, e que isso é um fator importante, pois compreende que, dentro do fluxo do seu processo, impede que peças em boas condições de uso sejam descartadas. Ela ressalta que poupar essas peças de descartes é poupar o meio ambiente de resíduos, mas também é poupar o governo e instituições públicas de realizar um tratamento e descarte adequado para os materiais. Segundo relato em entrevista, a participante expõe: “... não só isso, essas peças que iriam para o lixo e que o aterro sanitário muitas vezes não sabe o que fazer são muito aproveitadas ainda pelas pessoas, principalmente aquelas que não têm condições de comprar novo. Usam peças boas e baratas, e a gente poupa o governo de ter que lidar com isso aqui, então não é descartado indevidamente ou nem vira pano de chão à toa”. A contribuição da ES4 também destaca o trabalho manual de limpeza e reparos das peças que utiliza, e que o fator que permite que ela comercialize as peças novamente é o processo de restauração que ela minuciosamente alega fazer ao receber novas peças em seu empreendimento. Ao correlacionar o ponto apresentado pela ES4 com a contribuição da ES2 e a literatura, podemos ressaltar que o processo de reutilização possui um grande impacto na diminuição da produção em massa apresentada pelo modelo linear, conforme apresentado por Coppola (2021), que aponta que este tipo de sistema de consumo desenfreado se mostra insustentável para a manutenção de recursos do planeta. Ao ser indagado sobre o consumo atual da sociedade, o ES7 destacou também, contribuindo com as demais citações, que, se houvesse maior consciência sobre os danos ambientais causados pela produção do modelo tradicional, a aceitação do público por

soluções circulares seria muito maior. Ele embasa que a visibilidade precarizada de negócios de vertente social e cita exemplos de algumas cooperativas circulares, que são malvistas por não serem compreendidos em sua essência.

Apesar disso, também há sinais de transformação. Alguns entrevistados relataram avanços importantes no engajamento do público, especialmente por meio das redes sociais. A ES5, por exemplo, contou que, ao compartilhar e mostrar os bastidores de sua produção e a reutilização dos retalhos para o público, conseguiu sensibilizar novos consumidores. “Quando as pessoas veem pra que é feito, como é, elas começam a pensar em dar oportunidade”, relata a entrevistada. Essa experiência mostra que o caminho para superar essa barreira passa pela educação, não apenas formal, mas também através da comunicação do cotidiano, que conecta e informa a sociedade e inspira mudanças de comportamento através do compartilhamento dinâmico de seus trabalhos, vivências, dificuldades e experiências.

A criação dessa aproximação com seu público-alvo é algo destacado por todos os entrevistados, que alegam ‘fazer parte’ indiretamente da vida de seus clientes, que, por terem grande aproximação e diálogo, acabam sendo fidelizados ao negócio pelo contato e vivências do senso de comunidade. Conforme traz a fala da ES2: “Alguns clientes são quase da família, de tanto que compram, e são esses geralmente que sempre voltam trazendo mais gente. Uma que traz a amiga, outra traz a tia e a gente vai apresentando os produtos e essas pessoas também voltam depois e trazem mais gente e o negócio vai fluindo, né? E no meio tempo a gente vai acrescentando conhecimento nelas conforme a gente vai vendendo”.

4.3 FACILITADORES E BARREIRAS TECNOLÓGICAS E LOGÍSTICAS

4.3.1 AUSÊNCIA DE INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA

A falta de uma infraestrutura logística eficiente foi apontada por diversos entrevistados como um dos principais entraves para a expansão de práticas circulares. Em especial, a ausência de sistemas públicos de coleta de resíduos têxteis e parcerias que facilitassem foi um destaque revelado pelos entrevistados

ES1, ES4, ES7 e ES8. Esses empreendedores, em específico, dependem diretamente da logística reversa para conseguir insumos para os seus processos, revelam que a defasagem deste processo, principalmente no tocante ao setor público e a falta de investimentos nesse tipo de estrutura, tem limitado significativamente o acesso à matéria-prima reaproveitável.

Segundo a contribuição de ES4, há uma grande dificuldade logística de determinação de zonas comerciais para empreendimentos sociais, destacada pelas participantes ao relatar: “Precisamos de mais pontos de compra, de coleta... precisamos saber onde estão. A gente não consegue conhecer quem trabalha com isso e fica difícil comprar, difícil vender depois... se tivesse assim, um galpão que vendesse essas coisas, num lugar específico para a gente, mesmo com dificuldade a gente pegava um carrinho, sei lá, e chegava num lugar sabendo que ia voltar com mercadoria, mas não tem isso. Às vezes eu vou daqui pra Campina e volto com quase nada”. Sua fala evidencia não apenas a escassez física de infraestrutura logística, mas também uma ausência de informação e articulação entre os diferentes atores da cadeia circular.

Além disso, o contexto urbano onde muitos desses negócios se desenvolvem impõe desafios adicionais. A ES2, por exemplo, relata que conseguiu incentivo de uma grande rede da indústria têxtil, que estava disposta a fornecer insumos para manter a ONG em relação à matéria-prima para trabalho. Porém, a dificuldade de acesso à unidade do projeto, devido a um problema de segurança pública, impede o transporte desses materiais até a unidade de funcionamento da ONG. A violência urbana, nesse caso, atua como um fator limitante para a mobilidade e o crescimento de empreendimentos sustentáveis naquela região, atuando como barreiras para a manutenção do negócio em relação ao apoio de órgãos externos à comunidade, que poderiam agir como facilitadores da expansão do negócio.

4.3.2 ESCASSEZ DE TECNOLOGIAS ACESSÍVEIS

Outro ponto recorrente nas entrevistas foi a dificuldade de acesso a tecnologias apropriadas e acessíveis. Muitos empreendedores ainda dependem de processos manuais e equipamentos rudimentares, o que acaba reduzindo a

capacidade de produção e, por consequência, a competitividade no mercado. O ES6 relata que iniciou o seu processo de produção sem ferramentas tecnológicas, realizando todo o processo manualmente até que fosse possível investir nos equipamentos iniciais. Itelvino (2016) relata que a capacitação técnica é um facilitador da melhoria e eficiência operacional para esses empreendimentos; contudo, vemos que a viabilidade técnica é codependente da disponibilização de equipamentos, como visto anteriormente nesta seção, que age como facilitador segundo ponto abordado pela ES2.

O ES1 revelou que, por não dispor de máquinas modernas para o processo de upcycling, o tempo gasto em cada peça é elevado e isso encarece o produto final, e destacou que muitas vezes não é valorizado considerando o tempo e esforço gasto em cada peça. Atualmente, como prática comercial, o ES1 apresenta o seu produto nas redes sociais, dentro do marketing digital, mostrando o processo de produção para demonstrar aos potenciais clientes que há um valor agregado em cada peça, que divulga como sendo únicas, pois as lavagens e a alta rotatividade dos tecidos fazem com que a paleta de cores das peças sejam distintas entre si e variáveis entre as demais peças produzidas, trazendo também o fator de exclusividade, segundo ele, para cada um dos produtos comercializados.

A falta de equipamentos especializados também se traduz em um custo operacional mais alto para esses empreendedores, criando uma desvantagem significativa frente a empresas com maior estrutura. No entanto, alguns avanços tecnológicos foram citados como facilitadores importantes por alguns para os seus processos. A ES5 mencionou que a adoção de ferramentas digitais para controle de estoque e pedidos contribuiu para potencializar suas vendas, automatizando parte do processo que era possível naquele momento, para que pudesse se dedicar à produção exclusivamente. No início do seu processo, a produção das scrunchies era feita manualmente. Porém, há um fator que deve ser levado em conta dentro da premissa. No caso em questão, a entrevistada possui recursos técnicos para gerar esse tipo de automação para o seu negócio sem demandar recursos extras, mas, em contrapartida, há um exemplo exposto pela ES4 sobre a consciência de como recursos tecnológicos, como o uso de

redes sociais, a implementação de um site de vendas e o controle de peças, são facilitadores de negócios conhecidos.

Contudo, a falta de acesso a recursos para a contratação de suporte para serviços como esses é um investimento que está fora do seu orçamento, e que, por não possuir conhecimentos técnicos para explorar as alternativas possíveis, sente que é desfavorecida no aspecto de adequação aos recursos tecnológicos da atualidade. A ES3 destaca que um grande facilitador que transpõe as barreiras desses acessos é o uso do celular e da internet. Ela relata que utiliza o YouTube para acessar vídeos que auxiliam no processo de reparo de algumas peças quando possui dúvida, e que, como o acesso é facilitado, pois é algo de uso comum atualmente, essa ferramenta tem sido um grande facilitador, uma vez que a permite aprender e ampliar a gama de atuação que possui.

4.3.3 RESISTÊNCIA CULTURAL AO CONSUMO SUSTENTÁVEL

A cultura de consumo ainda representa uma barreira silenciosa, mas visível, segundo os relatos. Os empreendedores mencionaram o preconceito enfrentado ao oferecer produtos feitos a partir de materiais reaproveitados. “Muitas vezes as pessoas olham e acham que é coisa usada, coisa descartada”, conforme dito pela ES9. Essa percepção negativa — associando o reaproveitamento à precariedade — gera uma barreira de aceitação dos produtos e dificulta a consolidação de um mercado sustentável e consciente.

Mesmo em centros urbanos mais desenvolvidos, alguns participantes (ES2 e ES9) notaram que o consumo consciente ainda é restrito a nichos, o que limita o crescimento das iniciativas. Para contornar essa resistência, ambos os entrevistados ressaltaram a importância de campanhas educativas e estratégias de comunicação que ajudem a desmistificar o reaproveitamento, valorizando a originalidade, a sustentabilidade e a história por trás de cada peça, que conversa com os argumentos propostos por Drissi & Touzi (2024). Houve um grande destaque por todos os entrevistados que atuam em grandes centros urbanos (ES1, ES2, ES3, ES4, ES5, ES7 e ES9) acerca do nicho de consumidores, destacando uma ênfase geracional para jovens entre 18 e 30 anos que buscam por produtos, alegando a busca por qualidade e frisando a variante

socioambiental do investimento. Eles defendem que a geração atual tem estado mais engajada nesses aspectos, ainda que influenciados muitas vezes por tendências propostas em redes sociais.

4.3.4 FALTA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Ao acompanhar os relatos da ONG representada pela ES2, é possível enxergar na educação e profissionalização um vetor para a transição circular através dos empreendedores sociais que as transpassam. A entrevistada relatou que as campanhas de marketing para conscientização que acompanham alguns perfis nas redes sociais têm sido importantes para despertar curiosidade e reflexão entre as pessoas, e que acredita que a visibilidade e divulgação dos temas nas redes sociais têm sido boas para alcançar novos públicos e concretizar vendas. Ela revela que atualmente compartilha esses conteúdos em seus perfis para difundir a informação.

Conforme apontado no referencial teórico, vemos a importância de começar esse processo nas escolas, promovendo o consumo consciente desde cedo, salientando que esses esforços reforçam a ideia de que a educação ambiental é uma ferramenta estratégica para fortalecer o ecossistema circular, conforme defende Zahra (2009). Há um destaque para um ponto que contempla a atualidade e pode ser relacionado às promoções citadas pela ES2, que é o uso das redes sociais, onde propagandas e conteúdos podem ser compartilhados e difundidos através de plataformas.

4.3.5 INVISIBILIDADE SOCIAL

Outro aspecto sensível que foi revelado nas entrevistas e deve ser levado em consideração para a literatura futura foi a sensação de invisibilidade que acompanha muitos empreendedores da economia circular, especialmente os que atuam em comunidades periféricas, conforme alguns entrevistados. O ES6 aponta que, apesar do impacto positivo gerado pelo seu negócio, sente que seu trabalho é desvalorizado e pouco reconhecido localmente. Essa falta de visibilidade dificulta parcerias, vendas, restringe oportunidades de crescimento

e, além disso, gera um sentimento constante de menosprezo e marginalização do seu trabalho, segundo relata o ES5.

O ES5 reforçou essa percepção ao relatar que, mesmo com esforços para ampliar sua atuação, ainda encontra resistência por parte de potenciais apoiadores em distintas instâncias para seu negócio. Esses relatos indicam a necessidade de ações que promovam o reconhecimento social das iniciativas circulares, valorizando suas contribuições ambientais, sociais e econômicas, e aproximando esses empreendedores de redes de apoio e divulgação, categorizando a legitimidade do grupo como impulsionador para a transição circular. Isso reforça a contribuição da literatura vista por Munir & Fausiah (2025), ao analisarem a percepção das lacunas da valorização de práticas sustentáveis que atuam como uma barreira, mas que, se bem empregadas, podem se tornar um grande facilitador.

4.3.6 CRESCENTE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Apesar dos obstáculos, segundo alguns relatos, também há sinais encorajadores de mudança. Os entrevistados que atuam em grandes centros urbanos (ES1, ES2, ES3, ES4, ES5, ES7 e ES9) relataram um aumento na demanda por produtos sustentáveis, especialmente entre o público mais jovem. Para eles, o impacto positivo da sustentabilidade desses produtos passou a ser um diferencial de mercado e demonstra uma tendência dessas buscas em regiões mais centralizadas em grandes centros urbanos, e também fomenta uma possibilidade de perspectiva sobre o mercado futuro. A busca pela localização em polos comerciais urbanos foi embasada nos relatos dos contribuintes como uma alternativa para ganho de visibilidade comercial, na intenção de atrair mais clientes. Para eles, a localização é algo valorizado tanto pelo consumidor quanto por possíveis parceiros comerciais que atendem à região. Essa mudança de mentalidade tem possibilitado não só a sustentabilidade dos negócios, mas também sua expansão.

Segundo a ES2, os membros da comunidade contribuem com matéria-prima em formato de doação para a ONG, o que permite a manutenção do empreendimento no quesito de insumos de produção. Outro exemplo encontrado

é da correlação existente entre o ES5 e o ES6, que se encontram na mesma cadeia produtiva, uma vez que a ES5 proporciona, de forma gratuita, matéria-prima de retalhos que seriam descartados por não terem tamanho suficiente para serem reaproveitados e os repassa para o ES6, que os aproveita dentro de outro processo de reciclagem, fazendo tapetes e estopa com os retalhos sobressalentes.

Desse modo, a rede de colaboração estabelecida ajuda a potencializar o impacto socioambiental, mas também gera vínculos dentro da construção de uma rede comunitária entre esses empreendedores. A ES4 salienta que, se houvesse um polo centralizado que unificasse essa cadeia e os empreendedores pudessem construir uma rede de colaboração e dividir práticas, isso auxiliaria em muitos processos do fluxo de negócios que ela possui. Ela expõe, por exemplo, a possibilidade de encontrar novos parceiros comerciais em polos como esse; contudo, relata que a inexistência ou a falta de conhecimento de locais como esse são barreiras para a extensão e evolução do seu negócio.

Um dos participantes destacou que, ao comunicar com mais clareza o propósito do seu trabalho dentro da divulgação dos seus produtos, conseguiu conquistar clientes mais engajados e fiéis, que, através da compreensão e do sentido dado pela empreendedora, acarretaram uma conscientização de consumo. Esses relatos mostram que a transformação cultural está em curso, ainda que de forma gradual, e que ela pode ser um dos grandes catalisadores para o fortalecimento dos empreendimentos sociais segundo proposto por Soufani (2018).

4.3.7 EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO

Por fim, as experiências compartilhadas pela ES2 sobre as iniciativas de educação e sensibilização e como são fundamentais para romper ciclos de desinformação e preconceito, como oficinas, palestras e ações comunitárias, têm servido como portas de entrada para novos públicos, criando oportunidades de diálogo e aprendizado, que têm provado ser um fator determinante de mudança e ascensão, principalmente dentro dos contextos de vulnerabilidade social, conforme propõe Panwar & Niesten (2022). De igual modo, a ES2 revela

que, ao promover oficinas abertas na própria comunidade, percebeu uma mudança significativa na forma como as pessoas passaram a enxergar seu trabalho, de algo “alternativo” para algo necessário, dentro de um contexto de normalização. Isso mostra como é possível vencer barreiras de objeção de produtos sustentáveis no mercado.

Para este contexto, a ES2 cita que o vetor determinante foi a educação e capacitação técnica proveniente de um programa do governo na época. Ela destaca que, como os recursos haviam sido disponibilizados para suprir a base do projeto, ao apresentarem seu trabalho ao público, obtiveram aceitação da comunidade local, o que fomentou a criação de uma rede de apoio entre a própria população que estava ao redor da organização para incentivos ao grupo. Ela também destaca que o senso de comunidade e o vínculo criado entre as próprias alunas, ao se ajudarem durante a capacitação técnica, foi o vetor-chave para a expansão do negócio. Segundo ela, em uma frase de entrevista: “O capricho que a gente começou a ter foi o que deixou a gente vender”. A atribuição feita por ela defende a ideia de que a entrada no mercado só foi possível devido à capacitação recebida para aprimorar os produtos, tanto na criação quanto no aperfeiçoamento dos detalhes de acabamento. O nivelamento do grupo foi modificado através do compartilhamento de conhecimentos entre as próprias alunas, o que evidencia que há um fator educacional atrelado ao senso de comunidade que serve como um impulsionador em negócios estruturados.

Isso se revela também em mais dois relatos, que trazem a propagação de conhecimentos entre a comunidade como impulsionador e facilitador do empreendedorismo social. A ES5 e o ES6 compartilham da mesma comunidade religiosa, onde se conheceram, e ambos relataram que foi o incentivo da ES5 ao ES6 que o fez iniciar no negócio. A ES5 divide em entrevista que já sabia sobre o fato de que outros membros da família do ES6 já confeccionaram tapetes no passado, não para comercialização, mas para uso próprio, como ressalta o ES6. Ele afirma ter iniciado o trabalho devido ao incentivo da ES5, que o encorajou a buscar esse conhecimento com sua mãe, e disse que poderia fornecer a matéria-prima de forma gratuita para que ele pudesse empreender através deste incentivo. Isso não somente conversa com as ideias de Panwar & Niesten (2022),

mas propõe que a educação e conhecimentos que são propagados de maneira geracional, neste caso em específico, iniciado pela avó do entrevistado, repassado para a mãe e agora sendo continuado por ele, é um pilar importante para a transposição das barreiras que impedem o avanço da transição circular.

As redes sociais também foram citadas como ferramentas eficazes para ampliar não somente o alcance da mensagem, mas para servir de ferramenta de capacitação. Unanimemente, os entrevistados disseram que utilizam redes sociais como Pinterest e YouTube para inspirações, ver tutoriais e aprender coisas novas. Além de divulgar os produtos, elas têm se mostrado espaços potentes para educar e engajar não somente possíveis consumidores em torno de práticas mais sustentáveis, mas também servir de fonte de conhecimento para os empreendedores em ascensão, especialmente em casos em que há um fator determinante de vulnerabilidade social aplicado. Esses exemplos reforçam o papel transformador da comunicação e da educação como motores da economia circular e destacam como o empreendedorismo social pode servir de vetor de mudança para embasar a transição circular, segundo Panwar & Niesten (2022).

Deste modo, com o objetivo de preencher lacunas identificadas na literatura e aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam a transição para a economia circular no setor têxtil, este estudo apresenta O Quadro 5, que relaciona as categorias definidas como temas centrais da pesquisa e as entrevistas realizadas com atores do empreendedorismo social. O Quadro 5 sintetiza os resultados das entrevistas realizadas e destaca as contribuições dos participantes, organizando os dados de forma sistemática conforme a metodologia proposta, alinhada à proposta inicial do objetivo do trabalho. A análise busca oferecer uma visão abrangente e estruturada dos facilitadores e barreiras enfrentados pelo empreendedorismo social e como são evidenciados por seus atores. A seguir, os quadros 5 e 6 sistematizam as análises e destacam, através das marcações em **negrito** as novas contribuições provenientes do estudo.

Quadro 5: Barreiras Determinadas Através da Pesquisa

Categoria Principal	Subcategoria	Contribuição dos Entrevistados (ES)	Contribuição da Literatura (autores/ideias)
Econômico-Financeira	Dificuldade de acesso a financiamento	ES1 e ES8 relataram falta de linhas formais de crédito; ES2 citou bolsas públicas como decisivas para mulheres vulneráveis.	Vaz (2015) aponta a insuficiência de políticas públicas; Braga (2013) evidencia o acesso ao capital como barreira; Vieira (2022) destaca que o modelo híbrido dificulta atração de investimentos.
Econômico-Financeira	Custos iniciais elevados	ES5 e ES6 destacaram o alto custo de maquinário, levando a improvisações; ES3, ES5, ES9 usaram rescisão trabalhista para investir.	Braga (2013) discute que práticas circulares exigem alto investimento; Vieira (2022) e Soufani (2018) apontam que infraestrutura inicial é um obstáculo.
Econômico-Financeira	Dificuldade de expansão sem capital externo	ES1 e ES8 relataram que a falta de recursos impediu expansão para novos mercados.	Vieira (2022) alerta que a falta de capital de risco limita o crescimento de negócios sociais.
Cultural-Educacional	Resistência cultural ao consumo sustentável	ES1 e ES9 relataram preconceito contra produtos reaproveitados; ES2 disse que acabamento ajuda a superar a resistência.	Kirchherr (2018) cita a resistência cultural como obstáculo à circularidade; Braga (2013) aponta estigma de inferioridade; Soufani (2018) defende campanhas educativas.
Cultural-Educacional	Estigma social associado a produtos reaproveitados	ES1 percebeu rejeição explícita de consumidores devido à origem dos materiais usados.	Braga (2013) argumenta que produtos sustentáveis sofrem preconceito de qualidade.
Cultural-Educacional	Falta de conscientização ambiental	ES4, ES2 e ES5 observaram que clientes desconhecem os impactos ambientais da indústria tradicional.	Kirby et al. (2018) e Zahra et al. (2009) associam informação ambiental à mudança de hábito de consumo.
Tecnológico-Logística	Infraestrutura logística deficiente	ES4 e ES2 relataram dificuldade de acesso a insumos e escoamento em áreas periféricas.	ICESP (2020) aponta ausência de políticas de logística reversa; Khan et al. (2020) destaca dificuldades logísticas para circularidade.
Tecnológico-Logística	Escassez de tecnologia acessível	ES6 e ES1 relataram falta de máquinas modernas, encarecendo a produção.	Itelvino (2016) e Hassan et al. (2024) reforçam que a barreira tecnológica limita produtividade e inovação.
Social-Comunitário	Invisibilidade social	ES6 e ES5 relataram dificuldade em ganhar reconhecimento e estabelecer parcerias.	Munir & Fausiah (2025) e Drissi & Touzi (2024) indicam que falta de legitimidade é entrave para o ES.

Mercado-Consumo	Barreira de nicho	ES2, ES9 e ES4 disseram que o consumo consciente ainda se restringe a públicos muito específicos.	Kirchherr (2018) e Saha et al. (2021) discutem a dificuldade de massificação do consumo circular.
Mercado-Consumo	Risco de saturação do público-alvo	ES7 e ES9 relataram que, após atingir sua rede de apoio, houve dificuldade para ampliar mercado.	Drissi & Touzi (2024) alertam para a limitação do mercado em iniciativas circulares pequenas.

Fonte: Autor (2025)

Quadro 6: Facilitadores Determinados Através da Pesquisa

Categoria Principal	Subcategoria	Contribuição dos Entrevistados (ES)	Contribuição da Literatura (autores/ideias)
Econômico-Financeira	Apoio financeiro informal (família, amigos)	ES1 e ES8 destacaram apoio familiar como fundamental para início e expansão dos negócios.	Braga (2013) reforça a importância das redes de apoio informais em contextos sociais.
Econômico-Financeira	Criatividade na captação de recursos	ES5 e ES9 usaram venda antecipada, parcerias e consórcios como alternativas de financiamento.	Braga (2013) identifica criatividade como competência estratégica no ES.
Econômico-Financeira	Geração de Renda	ES6 e ES8 relatam que o empreendedorismo social garantiu autonomia e renda própria.	Vaz et al. (2015) mostram que negócios sociais são vetores de geração de renda em populações vulneráveis.
Cultural-Educacional	(Re)significação através da história do produto	ES5, ES2 e ES7 relataram que contar a história do produto eleva seu valor percebido.	Coppola et al. (2021) destacam que narrativas reforçam identidade circular; Panwar & Niesten (2022) associam narrativa à aceitação do consumidor.
Cultural-Educacional	Discurso educativo nas vendas	ES2 e ES5 utilizaram narrativas ambientais para sensibilizar e conquistar clientes.	Coppola et al. (2021) defendem que a educação do consumidor é crucial para a circularidade.
Cultural-Educacional	Sensibilização do consumidor	ES2 e ES5 utilizaram marketing educativo como estratégia de convencimento.	Itelvino (2016) e Coppola et al. (2021) apontam que educação e comunicação são centrais para mudar padrões de consumo.
Cultural-Educacional	Construção de identidade territorial	ES2 e ES8 relataram que o resgate cultural valorizou seus	Coppola et al. (2021) argumentam que a identidade cultural

		produtos e fortaleceu vínculos locais.	aumenta aceitação em práticas circulares.
Tecnológico-Logística	Improvisação e adaptação de processos produtivos	ES6 destacou a criação de ferramentas manuais para contornar falta de infraestrutura.	Soufani et al. (2018) abordam a inovação frugal como resposta à restrição de recursos.
Tecnológico-Logística	Redes colaborativas digitais	ES3 e outros relataram uso de YouTube e Pinterest como fontes gratuitas de capacitação técnica.	Drissi & Touzi (2024) reconhecem plataformas digitais como impulsionadoras de aprendizado acessível.
Social-Comunitário	Redes comunitárias de compartilhamento de recursos	ES2 destacou oficinas e equipamentos compartilhados como diferencial para iniciar o negócio.	Araújo (2015) ressalta a força das redes de produção comunitária no ES.
Social-Comunitário	Apoio informal e senso de comunidade	ES2, ES5 e ES6 disseram que vínculos comunitários sustentaram as operações.	Soufani et al. (2018) e Panwar & Niesten (2022) afirmam que redes locais potencializam o impacto social.
Social-Comunitário	Educação como agente de mobilização social	ES2 relatou que capacitação de outras pessoas impulsiona o fortalecimento da comunidade.	Itelvino (2016) reforça que capacitação técnica comunitária gera efeitos multiplicadores.
Mercado-Consumo	Segmentação de público e tendências	ES2 e ES9 observaram maior aceitação de produtos sustentáveis entre jovens.	Drissi & Touzi (2024) e Todeschini et al. (2017) confirmam o crescimento do consumo consciente entre novas gerações.
Mercado-Consumo	Demanda por produtos sustentáveis	ES5 e ES7 perceberam aumento de procura por produtos “com propósito”.	Coppola et al. (2021) apontam o crescimento da demanda consciente.
Mercado-Consumo	Consumo emocional (solidariedade local)	ES8 relatou que o apoio da vizinhança impulsionou as vendas em momentos críticos.	Braga (2013) discute o papel das redes emocionais no consumo solidário.
Mercado-Consumo	Credibilidade construída pela trajetória pessoal	ES5 e ES8 mostraram que histórias pessoais ampliam a confiança dos consumidores.	Coppola et al. (2021) associam storytelling à diferenciação competitiva.
Categoria Principal	Subcategoria	Contribuição dos Entrevistados (ES)	Contribuição da Literatura (autores/ideias)
Econômico-Financeira	Dificuldade de acesso a financiamento	ES1 e ES8 relataram falta de linhas formais de crédito; ES2 citou bolsas públicas como decisivas para mulheres vulneráveis.	Vaz (2015) aponta a insuficiência de políticas públicas; Braga (2013) evidencia o acesso ao capital como barreira; Vieira (2022) destaca que o modelo híbrido dificulta atração de investimentos.

Econômico-Financeira	Custos iniciais elevados	ES5 e ES6 destacaram o alto custo de maquinário, levando a improvisações; ES3, ES5, ES9 usaram rescisão trabalhista para investir.	Braga (2013) discute que práticas circulares exigem alto investimento; Vieira (2022) e Soufani (2018) apontam que infraestrutura inicial é um obstáculo.
Econômico-Financeira	Dificuldade de expansão sem capital externo	ES1 e ES8 relataram que a falta de recursos impediu expansão para novos mercados.	Vieira (2022) alerta que a falta de capital de risco limita o crescimento de negócios sociais.
Cultural-Educacional	Resistência cultural ao consumo sustentável	ES1 e ES9 relataram preconceito contra produtos reaproveitados; ES2 disse que acabamento ajuda a superar a resistência.	Kirchherr (2018) cita a resistência cultural como obstáculo à circularidade; Braga (2013) aponta estigma de inferioridade; Soufani (2018) defende campanhas educativas.
Cultural-Educacional	Estigma social associado a produtos reaproveitados	ES1 percebeu rejeição explícita de consumidores devido à origem dos materiais usados.	Braga (2013) argumenta que produtos sustentáveis sofrem preconceito de qualidade.
Cultural-Educacional	Falta de conscientização ambiental	ES4, ES2 e ES5 observaram que clientes desconhecem os impactos ambientais da indústria tradicional.	Kirby et al. (2018) e Zahra et al. (2009) associam informação ambiental à mudança de hábito de consumo.
Tecnológico-Logística	Infraestrutura logística deficiente	ES4 e ES2 relataram dificuldade de acesso a insumos e escoamento em áreas periféricas.	ICESP (2020) aponta ausência de políticas de logística reversa; Khan et al. (2020) destaca dificuldades logísticas para circularidade.
Tecnológico-Logística	Escassez de tecnologia acessível	ES6 e ES1 relataram falta de máquinas modernas, encarecendo a produção.	Itelvino (2016) e Hassan et al. (2024) reforçam que a barreira tecnológica limita produtividade e inovação.
Social-Comunitário	Invisibilidade social	ES6 e ES5 relataram dificuldade em ganhar reconhecimento e estabelecer parcerias.	Munir & Fausiah (2025) e Drissi & Touzi (2024) indicam que falta de legitimidade é entrave para o ES.
Mercado-Consumo	Barreira de nicho	ES2, ES9 e ES4 disseram que o consumo consciente ainda se restringe a públicos muito específicos.	Kirchherr (2018) e Saha et al. (2021) discutem a dificuldade de massificação do consumo circular.
Mercado-Consumo	Risco de saturação do público-alvo	ES7 e ES9 relataram que, após atingir sua rede de apoio, houve dificuldade para ampliar mercado.	Drissi & Touzi (2024) alertam para a limitação do mercado em iniciativas circulares pequenas.

Fonte: Autor (2025)

5 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou compreender de que forma o empreendedorismo social pode atuar como vetor de transição circular na indústria têxtil, mapeando as barreiras e os facilitadores enfrentados por empreendedores sociais que integram práticas sustentáveis às suas cadeias produtivas. Por meio de uma abordagem qualitativa fundamentada nos métodos de estudo de caso múltiplo e análise temática citados anteriormente, a pesquisa demonstra a complexidade desse processo e, ao mesmo tempo, o potencial de transformação dessas iniciativas quando inseridas em contextos marcados por vulnerabilidades econômicas, sociais e institucionais.

As contribuições deste estudo são múltiplas. Em primeiro lugar, o trabalho avança sobre uma lacuna importante da literatura ao abordar uma análise empírica de empreendimentos sociais circulares em atividade no setor têxtil brasileiro, que é um contexto ainda pouco explorado, sobretudo em países em desenvolvimento. Através dos relatos e vivências dos empreendedores entrevistados, foi possível sistematizar as principais barreiras enfrentadas, como a escassez de acesso a recursos financeiros, a invisibilidade institucional, a ausência de infraestrutura logística e tecnológica, a resistência cultural ao consumo sustentável e a sobrecarga emocional vivida por quem empreende nesse campo. Esses obstáculos, longe de serem meramente operacionais, refletem um sistema produtivo e econômico que ainda privilegia modelos lineares, imediatistas e excludentes, e também um sistema onde a vulnerabilidade social condiciona e determina o dimensionamento deste tipo de empreendimento, uma vez que, pode agir como um facilitador direto de melhoria de condições sociais através da autonomia das práticas de empreendimento social.

O estudo identifica um conjunto expressivo de facilitadores que funcionam como pilares de resistência e resiliência: a motivação pessoal e os valores éticos que sustentam os empreendimentos, o engajamento comunitário, as redes de apoio informal, a apropriação criativa de tecnologias acessíveis e a crescente valorização social e de mercado por produtos sustentáveis. Esses elementos não apenas tornam possível a atuação de empreendimentos sociais circulares,

como também apontam para alternativas de reestruturação mais justa e regenerativa do setor da industrial têxtil demonstrando exemplos de impactos sociais através destas práticas quando bem-sucedidas. O estudo demonstra também o impacto social que pode não somente ser percebido através de incentivos as práticas, mas como o contraste das faltas de oportunidade em alguns casos os podem descontinuar alguns empreendimentos.

Um dos pontos mais relevantes foi constatar que, embora operem em contextos periféricos e muitas vezes invisibilizados, os empreendedores sociais têm construído soluções potentes e adaptadas à realidade local e aos seus próprios desafios. Os modelos de negócio avaliados no estudo não apenas reduzem o impacto ambiental do setor têxtil por meio do reaproveitamento de resíduos, da remanufatura e da reutilização criativa, como também atuam diretamente na inclusão produtiva de pessoas em situação de vulnerabilidade, gerando renda, autonomia e pertencimento a uma comunidade. Trata-se, portanto, de uma atuação que transcende a lógica do lucro e reposiciona o trabalho como ferramenta de emancipação e transformação coletiva através da prática, demonstrando impactos para além do desperdício e reaproveitamento que auxiliam na manutenção dos recursos do planeta, mas atuando em outros campos da experiência humana.

Esse é um cenário que desafia a Engenharia de Produção a repensar suas práticas, uma vez que a economia circular, para ser de fato viável, precisa ser também socialmente justa e o empreendedorismo social demonstra ser uma ponte legítima para alcançar esse equilíbrio. Para estudar o campo teórico das cadeias produtivas e das otimizações de lucro e criar proposições para programação de produção que podem auxiliar na transição circular, é preciso considerar quem são os sujeitos que operam essa circularidade e sob quais condições o fazem. É nesse ponto que este trabalho se posiciona criticamente, ao defender que qualquer transição de modelo precisa considerar as vozes, os saberes e os territórios daqueles que muitas vezes em conceitos históricos foram deixados à margem do desenvolvimento industrial, e que buscaram alternativas através de autodesenvolvimento e compartilhamento de saberes.

O estudo também oferece contribuições de pesquisa que categorizam as barreiras e facilitadores que podem orientar políticas públicas de fomento aos empreendedores sociais como programas de incentivo a cooperativas, redes de costura comunitária e iniciativas de upcycling em territórios marcados pela vulnerabilidade social, programas de apoio e projetos de incubação voltados para empreendedores sociais também poderiam ser desenvolvidos a partir das contribuições do trabalho. Além disso, o mapeamento dos casos entrevistados considerando a diversidade dos campos de atuação fornece um panorama para que futuras pesquisas aprofundem os modelos de negócio analisados, mensurem seus impactos e proponham caminhos de escalabilidade, replicabilidade e sugestões de melhorias sem perder de vista as análises da natureza dos dados e da atuação dos entrevistados.

Entre as limitações desta pesquisa, destaca-se a dificuldade de acesso a dados estruturados sobre os empreendimentos analisados, em especial aqueles que ainda atuam na informalidade e não possuem dados quantitativos estipuladores para análise aprofundada. Essa realidade, porém, não enfraquece os resultados; ao contrário, evidencia o quanto a atuação desses empreendedores é marcada por invisibilidade institucional e ausência de mecanismos de apoio.

Outro ponto a ser desenvolvido em futuras pesquisas é a necessidade de cruzamento entre variáveis socioeconômicas mais específicas (gênero, raça, território) e os dados sobre circularidade e empreendedorismo. Há um campo fértil para investigações interseccionais que aproximem sustentabilidade, justiça social e inovação dentro de um mesmo campo de estudos, portanto, que novos estudos explorem essa interseção de forma mais aprofundada, aplicando metodologias mistas que combinem entrevistas qualitativas com indicadores quantitativos de impacto ambiental e social. Além disso, seria valioso ampliar o número de casos analisados e realizar estudos comparativos entre empreendimentos sociais em diferentes estágio de desenvolvimento e em áreas não abrangidas nesse estudo para mapear estratégias comuns e especificidades contextuais que podem se mostrar com variáveis.

Por fim, este trabalho reafirma seu compromisso com uma transformação estrutural no setor têxtil, alinhada em uma visão de futuro que não se restrinja a considerar a transição circular somente a partir das tendências mercadológicas momentâneas, mas para firmar a economia circular como um pacto coletivo de ordem político, ético e civilizatório. O empreendedorismo social, ao articular parâmetros de inovação, propósito e impacto, se consolida como força estratégica de reconfiguração produtiva, demonstrando que é possível construir modelos de negócio que regeneram ecossistemas ao mesmo tempo em que empoderam comunidades, principalmente marginalizadas, e respondendo à pergunta inicial do trabalho que visa identificar os vetores de mudança que favorecem a transição circular a partir das barreiras e facilitadores.

6 REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 30, n. 1, p. 1–22, 2006.
- COPPOLA, C.; VOLERO, A.; SIANO, A. Consumer upcycling as emancipated self-production: understanding motivations and identifying upcycler types. *Journal of Cleaner Production*, v. 285, p. 124812, 2021.
- COPPOLA, C. et al. Social entrepreneurship and circular economy: a literature review. *Journal of Cleaner Production*, v. 280, p. 124724, 2021.
- COUTO, A. C. B. et al. Estudo das Escolas de Pensamento do Empreendedorismo Social: dos Estados Unidos e Europa à América Latina. 2020.
- DEES, J. G. The meaning of social entrepreneurship. Stanford University, 1998.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. Towards the circular economy: economic and business rationale for an accelerated transition. 2013.
- ELF, P.; WERNER, A.; BLACK, S. Advancing the circular economy through dynamic capabilities and extended customer engagement: insights from small sustainable fashion enterprises in the UK. *Business Strategy and the Environment*, v. 31, n. 6, p. 2682–2699, 2022.
- EUROPEAN ENVIRONMENT AGENCY. Textiles in Europe's circular economy. 2019.
- GEISSDOERFER, M.; VLADIMIROVA, D.; EVANS, S. Sustainable business model innovation: a review. *Journal of Cleaner Production*, v. 198, p. 401–416, 2018.
- HASSAN, R. et al. The role of digital technologies in the circular transition of the textile sector. *Journal of The Textile Institute*, p. 1–14, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00405000.2024.2414162>.
- ITELVINO, L. S. Formação do Empreendedor Social e a Educação Formal e Não Formal: um estudo a partir de narrativas de história de vida. 2017.
- JIA, F. et al. Circular economy in textile and apparel industry: a systematic literature review. *Journal of Cleaner Production*, v. 259, p. 120728, 2020.

- KHAN, O.; DADDI, T.; IRALDO, F. Microfoundations of dynamic capabilities: insights from circular economy business cases. *Business Strategy and the Environment*, v. 29, n. 8, p. 1479–1493, 2020.
- KHODAIR, F. S. A. R. M. Empreendedorismo Social: um estudo de caso na cidade de São Paulo. 2022.
- KOROLKOW, E. The environmental costs of fast fashion. 2015.
- MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: a source of explanation, prediction, and delight. *Journal of World Business*, v. 41, n. 1, p. 36–44, 2006.
- MORLET, A. et al. A new textiles economy: redesigning fashion's future. 2017.
- MURRAY, A.; SKENE, K.; HAYNES, K. The circular economy: an interdisciplinary exploration of the concept and application in a global context. *Journal of Business Ethics*, v. 140, n. 3, p. 369–380, 2017.
- PAL, R.; GANDER, J. Modelling environmental value: an examination of sustainable business models within the fashion industry. *Journal of Cleaner Production*, v. 184, p. 251–263, 2018.
- PANWAR, R.; NIESTEN, E. Jump-starting, diffusing, and sustaining the circular economy. *Business Strategy and the Environment*, v. 31, p. 2637–2640, 2022.
- RAZAVI, M. Barriers to Social Entrepreneurship in Iran: an application of grounded theory. 2014.
- SANTINI, C. Ecopreneurship and ecopreneurs: limits, trends and characteristics. *Sustainability*, v. 9, n. 4, p. 492, 2017.
- SANTINI, C. Social entrepreneurship and social innovation: a conceptual distinction. *Journal of Social Entrepreneurship*, v. 8, n. 1, p. 1–20, 2017.
- SILVA, G. F. da. Empreendedorismo Social e os Desafios Enfrentados no Desenvolvimento Local. 2022.
- SOUFANI, K. et al. Bridging the circular economy and social enterprise: the Dutch Ministry of Defence and Big Bang Group. *The European Business Review*, 2018.
- SU, B. et al. A review of the circular economy in China. *Journal of Cleaner Production*, 2013.
- TODESCHINI, B. V. et al. Innovative and sustainable business models in the fashion industry. *Journal of Cleaner Production*, 2017.
- URBINATI, A.; CHIARONI, D.; CHIESA, V. Towards a new taxonomy of circular economy business models. *Journal of Cleaner Production*, v. 168, p. 487–498, 2017.

VIEIRA, V. G. Framework de mensuração do empreendedorismo social para países em desenvolvimento. 2022.

ZAHRA, S. A. et al. A typology of social entrepreneurs: motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, v. 24, n. 5, p. 519–532, 2009.

Apêndice I – Roteiro de entrevistas

1. Quais fatores ou condições facilitaram o início do seu trabalho com reaproveitamento de materiais ou transformação de roupas?

(Apoio de familiares, acesso a materiais, inspiração pessoal etc.)

2. Você já recebeu incentivos ou apoio de organizações, ONGs, coletivos ou políticas públicas? Como isso impactou seu trabalho?

(financiamento, capacitação, treinamentos, parcerias etc.)

3. Quais oportunidades surgiram ao longo do caminho que facilitaram a expansão ou melhoria do seu negócio?

(Aumento da demanda por produtos sustentáveis, novas tecnologias etc.)

4. Como você avalia o papel dos consumidores que valorizam práticas sustentáveis para o impulsionamento do seu negócio?

(Exemplo: maior procura por produtos sustentáveis, valorização de marcas com impacto positivo, crescimento de busca por upcycling).

5. Existe alguma prática específica no seu processo de trabalho que você considera um facilitador importante para seu negócio?

(Exemplo: uso de redes sociais para divulgação, parcerias com fornecedores etc.)

6. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta no dia a dia do seu trabalho com reaproveitamento de materiais ou transformação de roupas?

(Exemplo: falta de matéria-prima, custos elevados, logística etc.)

7. Você encontra desafios relacionados à obtenção de materiais ou à qualidade dos materiais disponíveis? Quais são eles?

(Exemplo: escassez de resíduos têxteis, dificuldade em encontrar materiais recicláveis, dificuldade de aproveitamento integral dos materiais disponíveis etc.)

8. Quais obstáculos você enfrenta na venda ou divulgação dos seus produtos?

(Exemplo: preconceito com produtos reaproveitados, concorrência com marcas convencionais etc.)

9. Como você lida com questões culturais ou comportamentais dos consumidores que podem dificultar o sucesso do negócio?

(Exemplo: resistência ao consumo de produtos sustentáveis, falta de educação ambiental etc.)

10. Existe alguma barreira externa (políticas públicas, infraestrutura, mercado) que impacta negativamente o seu trabalho?

Exemplo: falta de políticas de incentivo, ausência de infraestrutura para logística reversa etc.

11. Na prática, como você enxerga o seu trabalho gerando impacto positivo na sociedade e no meio ambiente? Pode

(Podem ser ações do dia a dia que geram transformação social, ambiental e/ou comunitária)

12. Quais atitudes ou escolhas no seu negócio você acredita que mostram que ele vai além do lucro?

(Como, por exemplo, trabalhar com reaproveitamento, incluir pessoas da comunidade, ensinar o que você sabe etc.)

13. De que maneira suas práticas de negócio ajudam a superar as barreiras que você mencionou anteriormente?

(Exemplo: criação de redes colaborativas, sensibilização de consumidores etc.)

14. Alguma dessas atitudes ajudou a abrir novas portas ou facilitar algum aspecto do seu trabalho? De qual modo?

(Exemplo: fortalecimento de parcerias, aumento da visibilidade da marca, atrair novos públicos, acessar novas redes etc.)

15. Como suas práticas de empreendedorismo social impactam diretamente a vida das pessoas ao seu redor ou das comunidades envolvidas?

(Exemplo: geração de renda, educação ambiental, fortalecimento de economias locais etc.)

16. Existe alguma ideia prática inovadora ou solução que você gostaria de implementar, mas ainda não foi possível? Por quê?

(Captar respostas que esbarram em falta de recursos, barreiras tecnológicas, incentivos, comunidade etc.)

17. Se você pudesse mudar algo no jeito que faz seu trabalho hoje, qual prática você modificaria ou adicionaria para melhorar sua eficiência ou impacto?

(melhorias no processo produtivo, novas formas de divulgação, parcerias estratégicas, uso de tecnologia, capacitação ou outras ideias que você acredita que poderiam levar seu trabalho mais longe etc.).

18. O que você acredita que poderia ser feito por parte do governo, empresas ou sociedade para apoiar mais iniciativas como a sua? / O que falta, na sua visão, para que mais negócios como o seu tenham apoio e consigam crescer?

(Exemplo: programas de incentivo, políticas públicas, capacitação técnica etc.)

19. Você percebeu alguma mudança recente no mercado (nos últimos anos) ou no comportamento das pessoas que tenha favorecido o seu trabalho? Como essas mudanças te impactaram?

(Exemplo: aumento da procura por produtos sustentáveis, maior conscientização ambiental etc.)

20. Existe algo você gostaria de compartilhar ou destacar sobre a sua trajetória que ainda não foi perguntado?

(Um aprendizado importante, uma conquista que te marcou, uma ideia para o futuro, ou qualquer outra coisa que ache importante para entender melhor o seu trabalho e sua visão sobre o empreendedorismo social.)